



**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**

**ESCOLA FIOCRUZ DE GOVERNO**

**GERÊNCIA REGIONAL DE BRASÍLIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS EM SAÚDE**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

**Amandda Caroline Cavalcante**

**Flávia Santana Lima**

**A PROMOÇÃO DO SANEAMENTO ECOLÓGICO  
NA PRÁTICA DE MOVIMENTOS SOCIAIS EM BUSCA DO BEM  
VIVER**

**Brasília**

**2019**

**Amandda Caroline Cavalcante**

**Flávia Santana Lima**

**A PROMOÇÃO DO SANEAMENTO ECOLÓGICO  
NA PRÁTICA DE MOVIMENTOS SOCIAIS EM BUSCA DO BEM  
VIVER**

Produção técnico-científica aplicada como trabalho de  
conclusão do terceiro Curso de Especialização em  
Saúde Coletiva da Fiocruz Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Tatiana Oliveira Novais

**Brasília**

**2019**

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

C376p

Cavalcante, Amandda Carolline.

A promoção do saneamento ecológico na prática de movimentos sociais em busca do bem viver / Amandda Carolline Cavalcante, Flávia Santana Lima. – 2019.

85 f. ; il. color.

Orientador: Profa. Dra. Tatiana Oliveira Novaes.

Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Fiocruz de Governo, Gerência Regional de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas de Saúde, Curso de Especialização em Saúde Coletiva, 2019.

1.Saneamento ambiental. 2.Promoção de saúde. 3.Participação popular – Movimento social. I.Lima, Flávia Santada (coautora). II.Título.

CDU 628

#### **Bibliotecário responsável:**

Jônathas Rafael Camacho Teixeira dos Santos (CRB-1/2951)

Amandda Carolline Cavalcante e Flávia Santana Lima

## A Promoção do Saneamento Ecológico, na Prática do Bem Viver

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentada à Escola Fiocruz de Governo  
como requisito parcial para obtenção do  
Título de Especialista em Saúde Coletiva.

Aprovado em 24/10/2019.

BANCA EXAMINADORA



---

Dra. Tatiana Oliveira Novais



---

Dra. Missifany Silveira



---

Dra. Sabrina da Fonseca Borges Fernandes

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos às nossas famílias e amigos, as companheiras e companheiros de curso pela maravilhosa jornada deste ano. Cada pessoa foi essencial para o nosso aprendizado, fortalecimento e motivos para termos fé e esperança no futuro.

Agradecemos aos coordenadores e professores que aceitaram o desafio de utilizar metodologias ativas.

Em especial, agradecemos a nossa orientadora, Tatiana Novais, querida Tati, que tanto nos acompanhou, ajudou e nos deu uma nova perspectiva sobre a academia e papel científico. Obrigada, Tati, por tanta empatia, escuta e amor.

E, por último, agradecemos a Fiocruz Brasília pelo espaço e interesse em discutir temas tão importantes para a atualidade.

*“Os nossos pés se revigoram quando pisam nesse chão”*  
Mateus Aleluia

## **RESUMO**

O Bem Viver é uma filosofia de vida baseada nas culturas tradicionais e que propõe uma forma de vivência que preze pelo equilíbrio, harmonia e convivência no planeta. Dentro de suas práticas, o saneamento ecológico é usado como ferramenta na promoção de ambientes saudáveis. Saneamento ecológico é o tratamento de resíduos de forma sustentável com participação comunitária de forma a reduzir o impacto da ação humana no ambiente. Em 2018, aconteceu o mutirão do Bem Viver, realizado em uma área indígena, e a Jornada em defesa da água, no Distrito Federal. Dentro dessas ações o saneamento ecológico é um eixo estruturante. O objetivo desse trabalho é compreender como o saneamento ecológico pode contribuir na construção do Bem Viver na prática dos movimentos sociais. Para a realização dessa pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com alguns participantes dessas experiências.

**Palavras-chave:** Saneamento Ambiental. Promoção da saúde. Participação Popular. Movimento Social. Bem Viver.

## **ABSTRACT**

Good living is a philosophy of life based on traditional cultures that defines a way of living that values balance, harmony and coexistence on the planet. Within its praxis, ecological sanitation is used as a tool in the promotion of food environments. Ecological sanitation is the sustainable treatment of waste with reduced community participation and the impact of human action on the environment. In 2018, there was the Good Living campaign, held in indigenous territory, and the Water Defense Day, in the Federal District. Within these, actions or ecological sanitation is a structured axis. The aim of this paper is to understand how ecological sanitation can contribute to the construction of Good Living in the practice of social movements. To conduct this research, semi-structured interviews will be conducted with some participants of these experiments.

**Key words:** Environmental sanitation. Health promotion. Popular participation. Social movement. Good living.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Quadro resumo da metodologia.....	21
<b>Tabela 2:</b> Descrição das práticas observadas.....	23
<b>Tabela 3:</b> Categorização das entrevistas.....	24
<b>Tabela 4:</b> Caracterização dos entrevistados.....	24

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Oficina do GT de resíduos sólidos na apresentação dos 7 R's.....	27
<b>Figura 2:</b> Desenho com tipo de separação de resíduos adotado.....	29
<b>Figura 3:</b> Instalação da Caixa de Água.....	30
<b>Figura 4:</b> Acesso feito de bambu.....	31
<b>Figura 5:</b> Ponte de bambu.....	31
<b>Figura 6:</b> Ponte de bambu (depois do córrego).....	31
<b>Figura 7:</b> Orientações para manejo de resíduos.....	32
<b>Figura 8:</b> Local para depósito e separação de resíduos sólidos.....	33
<b>Figura 9:</b> Minhocário campeiro para o tratamento de resíduos orgânicos.....	34
<b>Figura 10:</b> Banheiro seco.....	35
<b>Figura 11:</b> Sanitário seco.....	35

## **LISTA DE SIGLAS**

CAESB - Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal

CSA - Comunidades que Sustentam a Agricultura

FAMA - Fórum Alternativo Mundial da Água

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz

FMI – Fundo Monetário Internacional

GATS - Acordo Geral Sobre o Comércio de Serviços

GT - Grupo de Trabalho

GISRS - Gestão Integrada e Sustentável dos Resíduos Sólidos

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MTST - Movimento dos Trabalhadores Sem Teto

ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUS – Sistema Único de Saúde

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	18
<b>2.1 Objetivos gerais</b> .....	18
<b>2.2 Objetivos específicos</b> .....	18
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	19
<b>3.1 Observação participante</b> .....	19
<b>3.2 Entrevistas</b> .....	20
<b>4. RESULTADOS</b> .....	23
<b>4.1 Mutirão do bem viver</b> .....	25
<b>4.1.1 Grupo de trabalho de resíduos sólidos</b> .....	26
<b>4.1.2 Melhoramento da Infraestrutura do local</b> .....	29
<b>4.1.3 O uso de produtos e suas origens</b> .....	36
<b>4.1.4 Cirandas</b> .....	37
<b>4.1.5 Curso de Bambu</b> .....	37
<b>4.2 Atividade “Jornada em defesa da água”</b> .....	37
<b>4.2.1 Visita ao Santuário dos Pajés e o Território dos Kariri-Xocó</b> .....	38
<b>4.2.2 Visita ao assentamento Nova Petrópolis - Planaltina (DF)</b> .....	39
<b>4.2.3 Visita ao Assentamento Canaã- Brazlândia (DF)</b> .....	41
<b>4.3 Conhecimentos e práticas dos povos tradicionais como base para o bem viver</b> .....	42
<b>4.4 Bem viver como alternativa de transformação pessoal e social</b> .....	44
<b>5 DISCUSSÃO</b> .....	48
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	52
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	53
<b>APÊNDICE</b> .....	60

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil hoje conta com menos de 50% de coleta e tratamento de esgoto. Poucas são as cidades que possuem o manejo adequado de resíduos sólidos e disposição final ambientalmente correta. Além disso, cresce a geração de resíduos sólidos. É frequente os noticiários com desastres ambientais, seja por eventos ambientais externos ou irresponsabilidade de empreendimentos<sup>1</sup>. Todos esses fatores colocam em risco a qualidade ambiental de territórios e são efetivamente sentidos por populações mais desfavorecidas.

O acesso à água e esgoto se enquadra dentro dos determinantes sociais de saúde, que são os fatores que influenciam na saúde da população<sup>2</sup> e está correlacionado com outros fatores como as condições socioeconômicas, culturais, ambientais e de habitação. Somente os custos para o Sistema Único de Saúde (SUS) com doenças ocasionadas pela falta ou inadequação do saneamento são em torno de R\$ 217 milhões por ano<sup>3</sup>, sem contabilizar os demais custos sociais e ambientais.

A ausência de saneamento afeta as pessoas de diferentes formas, cujo sintomas são sentidos principalmente por mulheres e meninas. Nesse contexto, a busca por uma sociedade que promova equidade, justiça social e qualidade de vida é cada vez mais discutido. Dentre as propostas, surge o Bem Viver que, apesar de ser um conceito em construção, é a busca por locais solidários, livres de qualquer forma de opressão e com equilíbrio ambiental, promoção da biodiversidade e convívio harmônico e cooperativo entre povos e culturas<sup>4</sup>.

### **Saneamento**

Fonseca (2008)<sup>5</sup> coloca como saneamento o conjunto de ações, essencialmente de saúde pública, que compreendem o abastecimento de água em quantidade suficiente para garantir higiene adequada e conforto, atendendo os padrões de potabilidade, coleta e tratamento adequados de resíduos líquidos e sólidos, drenagem urbana e controle de vetores. O início da implantação dos primeiros sistemas de saneamento tinha como fim principal o transporte de resíduos para locais distantes das cidades<sup>6</sup>. Com o crescimento demográfico e das cidades, os impactos ambientais aumentaram levando a criação de métodos de tratamento de resíduos. Atualmente, a questão da água, sua disponibilidade qualitativa e quantitativa, vem sendo um dos principais desafios tanto em grandes metrópoles, como em cidades pequenas. Outra abordagem que leva ao estudo e adoção de novas tecnologias e formas de lidar com os resíduos

sólidos e líquidos domésticos é o custo envolvido no tratamento de tais resíduos. A implantação e manutenção de um tratamento convencional pode ser oneroso a depender da localização e dos recursos disponíveis para o município. Logo, a necessidade de se buscar novas formas de tratamento de resíduos líquidos e sólidos que causem ainda menos impactos é primordial<sup>7</sup>.

Para além da perspectiva de preservação do meio ambiente e econômica, o acesso ao saneamento efetivo e de qualidade se constitui como elemento primordial para a garantia de dignidade como pessoa humana uma vez que ele estabelece condições mínimas para subsistência. A lei 11.445 que estabelece as diretrizes nacionais para o saneamento básico têm como um dos princípios fundamentais a universalização do acesso ao saneamento básico de qualidade<sup>8</sup>. Essa perspectiva de saneamento, com direito básico para um ser humano, também propõe um novo olhar sobre a sua objetividade. Ao invés de ser visto apenas como um instrumento para afastar doenças e tornar o ambiente mais salubre, o saneamento se torna importante ferramenta para a promoção de saúde, entendendo a saúde de forma ampla. Esse entendimento requer a participação de sujeitos de diferentes áreas, as medidas de saneamento não estão mais restritas a engenheiros. Além de ser essencial entender as nuances de cada local, cada comunidade. Essa nova concepção é colocada por Souza e Costa (2015)<sup>9</sup>.

O saneamento tem sido fator de grande relevância na busca de ambientes saudáveis e justiça social. Isso porque a desigualdade social, racial e de gênero levam, muitas vezes, famílias a serem expostas a ambientes insalubres e com ausência de infraestrutura<sup>10</sup>. O termo ambiente saudável é adotado como “Território vivo, dinâmico, que incorpora, além das dimensões física e biológica, a social, a cultural, a econômica e a política, no qual se materializa a vida humana e que coloca a qualidade da vida em foco.”<sup>11</sup>.

A ausência de saneamento também aumenta as desigualdades. Em estudo feito por Sahoo em 2013 na Índia, é relatado diversos tipos de dificuldades para mulheres quando o assunto é a ausência de saneamento. Essas dificuldades vão desde a sobrecarga de peso na hora de buscar água, distâncias longas, falta de privacidade para higiene básica, dificuldade em se estabelecer uma higiene pessoal em período menstrual<sup>12</sup>. Silva 2017 expõe bem as maiores dificuldades enfrentadas por meninas e mulheres de zonas rurais, principalmente quando elencado que nesses locais prevalece uma forte cultura patriarcal e que é incubido às mulheres a busca e manutenção da água no lar. Quando não há sanitários no domicílio, as mulheres ficam expostas a risco de violência, ataques de animais e a circunstâncias ainda difíceis de serem mensuradas<sup>13</sup>.

A busca pela ampliação do acesso ao saneamento em todas as suas esferas requer, em muitos casos, a quebra da adoção de sistemas de coleta de resíduos centralizadora. Cada sistema de tratamento deve estar adequado a realidade do território, sejam elas econômicas, culturais, ambientais e tecnológicas. No contexto de busca por ambientes saudáveis e pela independência desses locais, surge o saneamento ecológico. O termo “saneamento ecológico” é criado na percepção que existe dois ciclos a serem tratados nos resíduos domésticos: o ciclo das águas e o ciclo dos nutrientes e da energia. Ele parte da ideia de valorização dos resíduos e cuidado com o meio ambiente, levando a promoção da saúde. Em um sistema tradicional de tratamento de esgoto, a água é o principal veículo de transporte dos resíduos domésticos. Em um esgoto comum, 99.9% dele é constituído de água e apenas 0,1% são os sólidos que precisam ser tratados<sup>14</sup>. No saneamento ecológico, conforme a característica do resíduo (seu volume, contaminação biológica e quantidade de nutrientes), há uma classificação em um diferente ciclo. Logo, urina e fezes se enquadram no ciclo dos nutrientes e as águas cinzas (produtos de processos domésticos) e água da chuva se enquadram no ciclo das águas<sup>15</sup>. Uma característica do saneamento ecológico é encarar os resíduos como fonte de nutrientes e um material passível de reciclagem, levando a uma abordagem de ciclo fechado<sup>15</sup>. Essa proposta faz rever o saneamento convencional que é feito de maneira linear, na perspectiva que a natureza é uma fonte inesgotável de processamento de nutrientes, muitas vezes utilizando grande volume de água para seu transporte e prejudicando comunidades abaixo do corpo hídrico em questão<sup>7</sup>.

As práticas de saneamento ecológico requerem menos recursos e levam a aplicação de um tratamento descentralizado. Contudo, é necessário engajamento da comunidade e entendimento da importância de tratamento dos resíduos e da necessidade em se promover um ambiente saudável com a participação de cada indivíduo<sup>15</sup>. Nesse sentido, atividades formativas nas comunidades são essenciais para a compreensão e implementação desse tipo de saneamento.

Apesar de ainda pouco inserida no contexto brasileiro, algumas premissas do saneamento ecológico são possíveis de ser observadas na legislação. É o caso da Política Nacional de Resíduos Sólidos, instituída pela Lei 12305 de agosto de 2010 onde se estabelece a responsabilidade compartilhada do ciclo de vida do produto, a priorização pela não geração de resíduos e a classificação dos resíduos. Essa política, que é umas das principais do país em termos de manejo de resíduos sólidos, apesar de uma aplicação ainda muito deficitária, têm sido importante norteador para estados e municípios<sup>16</sup>.

## **Bem Viver**

O Bem Viver é uma filosofia de vida baseada nas culturas tradicionais e que propõe uma forma de vivência que preze pelo equilíbrio, harmonia e convivência entre os seres. Diferente da forma de sociedade capitalista que predomina no mundo marcada pelo antropocentrismo, objetificação, consumismo, individualismo e desigualdade, o Bem Viver propõe uma vivência em que todos os seres da natureza, animados ou inanimados, tenham a mesma importância, onde tudo e todos estão conectados e é na harmonia da convivência e da aceitação do indivíduo consigo mesmo, do indivíduo com a sociedade e do indivíduo com a natureza em geral que se chega a uma verdadeira qualidade de vida. É prezado também um convívio pacífico e contributivo entre as diferentes culturas<sup>17</sup>.

A perspectiva do Bem Viver vai de encontro com vários Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela agenda 2030. Aliás, há uma extensa reflexão sobre o termo ‘desenvolvimento sustentável’, já que o Bem Viver propõe um outro paradigma que contrapõe o modelo de desenvolvimento vigente. Dentro dos ODS, os que mais se aproximam nas práticas observadas são: Objetivo 2 no contexto de melhoria de produção de pequenos agricultores, soberania alimentar e agricultura sustentável; Objetivo 3 para assegurar uma vida saudável e promoção de bem-estar; Objetivo 5 que consiste em alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas; Objetivo 6 que assegura a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos; Objetivo 11 que fala em tornar cidades e assentamentos humanos inclusivos seguros e resilientes<sup>18</sup>. O presente trabalho busca relatar a capacidade de promover o saneamento ecológico e a saúde, bem como ter uma análise crítica sobre a práxis do Bem Viver e o que é proposto pelos ODS.

O Bem Viver encontra no saneamento ecológico uma ferramenta que permite a observação e percepção dos territórios já que é um sistema que segue o tempo da natureza, trabalha com a responsabilização de cada indivíduo e requer contínuo cuidado. Há também a vantagem do sistema ecológico ser uma tecnologia mais acessível e que permite ver o real impacto das pessoas no ambiente. A questão de usar os resíduos como nutrientes de um ciclo propõe a emancipação dos territórios<sup>19</sup>.

O território aqui é o ponto de encontro dessas diferentes realidades que se unem no objetivo do fortalecimento de valores e ideias, diminuição de desigualdade e luta por direitos, na criação de um ambiente de promoção da saúde, indo de encontro com o conceito de território usado de Milton Santos: "[...] o território usado constitui-se como um todo complexo onde se

tece uma trama de relações complementares e conflitantes. Daí o vigor do conceito, convidando a pensar processualmente as relações estabelecidas entre o lugar, a formação socioespacial e o mundo”<sup>20</sup>. Adota-se promoção da saúde como:

“uma das estratégias de produção de saúde, atrelada a outras estratégias e políticas do Sistema Único de Saúde (SUS), contribuindo para construção de ações transversais que atendam às necessidades sociais em saúde. A promoção dialoga com vários setores sanitários, governo e sociedade para que sejam partícipes no cuidado com a vida, compondo redes de compromisso e corresponsabilidade”<sup>8</sup>.

Os conceitos, princípios e práticas de saneamento ecológico e bem viver se enquadram também nos de permacultura. Segundo David Holmgren, permacultura seria “paisagens conscientemente planejadas que imitam os padrões e as relações encontrados na natureza, enquanto produzem uma abundância de alimento, fibra e energia para prover as necessidades locais”. As relações e organização social são centrais na construção da permacultura, propondo uma nova concepção de cultura permanente e sustentável<sup>21</sup>. Os princípios éticos da permacultura são o cuidado com a terra, com as pessoas e a partilha justa, buscando, assim como no bem viver, os ensinamentos das culturas tradicionais e indígenas que vinculam as pessoas à terra e à natureza.

Apesar de propor uma ferramenta de mudança social, a permacultura no Brasil, diferentemente de outros países da América Latina, ainda é fruto de ações individuais sem a construção de redes<sup>22</sup>. Há importantes avanços com relação a sua popularização, principalmente quanto a introdução em movimentos sociais, contudo ainda é pequeno quando comparado a sua potencialidade.

Os movimentos sociais são muito importantes para possibilitar a transformação social almejada. Segundo Maria da Glória Gohn<sup>23</sup> (p. 251), movimentos sociais são

“ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo de força social na sociedade civil. As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciados pelo grupo na sociedade.”

O Brasil é marcado pela dominação cultural desde seu passado colonial, passando por regimes ditatoriais e por relações clientelistas e paternalistas. Os movimentos sociais progressistas latino-americanos surgem nos períodos democráticos como uma negação dessa dominação e de suas decorrentes desigualdades sociais e depreciação ambiental.

Na abordagem que utilizaremos será relatada a importância e contribuição do saneamento no Bem Viver, a partir das experiências vivenciadas no mutirão do Bem Viver, ocorrido em Brasília entre dezembro de 2018 e janeiro de 2019 e na Jornada em Defesa da Água, ocorrido em março de 2019. Em ambos eventos foram reunidas pessoas de diferentes frentes (ecologista, da saúde pública, política, indigenista, etc.) do Distrito Federal e região.

O mutirão do Bem Viver nasceu da necessidade dos indígenas em assegurar um local que há muito tempo é usado como ponto de acolhimento, dentro de uma zona urbana que sofria um processo de grilagem de terra. O anseio é o fortalecimento de vínculos, melhorar a infraestrutura do local e fazê-lo um ponto de fomento das culturas indígenas e de suas lutas. Atrelado a isso, muitos dos participantes, apoiadores e organizadores são pessoas ligadas a luta pelo direito à moradia, a preservação do meio ambiente e direitos sociais. Grupos como os criados na “Banquinha pela Democracia” que trabalhou fortemente no segundo turno das eleições de 2018, o grupo de mutirão de bioconstrução de 2017, além de várias pessoas envolvidas na organização de movimento em defesa da água.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

- Compreender como o saneamento ecológico pode contribuir na busca do Bem Viver na prática dos movimentos sociais.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Conhecer a percepção de Bem Viver nas práticas dos movimentos sociais.
- Descrever algumas práticas de saneamento ecológico utilizadas pelos movimentos sociais.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Observação participante

Admitiu-se o seguinte conceito de observação participante, proposto por Schwartz (1955)<sup>24</sup>: processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, a fim de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados e, participando da vida deles, no seu cenário cultural. O observador é parte do contexto sob observação, modificando e sendo modificado por este contexto. O Curso de Especialização em Saúde Coletiva (CESC) da Fiocruz Brasília estimula os seus estudantes a realizarem Trabalhos de Conclusão de Curso, que sejam aplicáveis a uma realidade, são chamados de Produção Técnico-Científica Aplicável. Assim, no desenho curricular do CESC há espaços de vivência em um determinado território, que dialogue com a temática de interesse do estudante. As ações escolhidas para este trabalho foi "território do Bem Viver". O trabalho dialoga com a necessidade de aplicar/conhecer as práticas no território e conversar com a comunidade local. É também uma importante oportunidade para se observar as práticas comunitárias de prevenção e promoção da saúde no território. A proposta dialoga com os Eixos curriculares do CESC, no eixo de Educação em Saúde por meio da educação ambiental e educação popular, no Eixo de Atenção à Saúde como prática integrativa em saúde e de Promoção da Saúde, no Eixo de Gestão em Saúde, como uma estratégia de governança territorial e participação social e no Eixo de Produção Técnico-científica por meio da abordagem territorial e pesquisa qualitativa (observação participante e entrevistas).

O objetivo deste trabalho é compreender como o saneamento ecológico pode contribuir na busca do Bem Viver na prática dos movimentos sociais. Desde 2018, várias ações chamadas de "território do Bem Viver" estão sendo realizadas no Distrito Federal, por integrantes de movimentos em defesa da terra, ambientalista, indígenas, entre outros.

A participação do mutirão do Bem Viver e da Jornada em Defesa da Água foi feita mediante o consentimento informal dos coordenadores dos movimentos. A observação participante se deu analisando os seguintes aspectos: abastecimento, coleta e tratamento de sólidos, coleta e tratamento de esgoto, participação social, educação ambiental. Foi mantido um diário de campo, com anotações diárias das observações, com impressões pessoais dos observadores sobre práticas e comportamentos dos envolvidos.

O mutirão ocorreu nos meses de dezembro de 2018 e janeiro de 2019, em um território indígena no Distrito Federal, e teve como objetivo a ocupação e melhoria do território. A

Jornada em Defesa da Água aconteceu como uma estratégia de educação ambiental em março de 2019, com visita a três territórios que formaram a frente em defesa da água no Fórum Alternativo Mundial da Água - FAMA, em 2018.

### **3.2 Entrevistas**

Para compreender melhor este fenômeno, foram feitas entrevistas semiestruturadas com alguns participantes do mutirão do Bem Viver e da Jornada em Defesa da Água. Optou-se pela entrevista semiestruturada, em que nenhuma interação se coloca de forma totalmente aberta ou fechada<sup>23</sup>. Foi estabelecido um roteiro para a entrevista, o qual foi utilizado apenas como guia de quais pontos devem necessariamente ser abordado pelos entrevistados, garantindo a liberdade, o conforto e a maleabilidade quanto a fala do entrevistado e a ordem das questões que devem ser tratadas.

Roteiro de entrevista:

1. Qual foi sua atuação no mutirão do bem viver e da Jornada em Defesa da Água? Qual foi sua motivação?
2. Qual a sua concepção de bem viver? O que são os territórios do Bem Viver?
3. Como você observa a vivência do Bem Viver na prática do mutirão e da jornada?
4. Quais são as práticas de saneamento no mutirão e da jornada?
5. Quais seriam as práticas ideais de saneamento para o bem viver?
6. Como o saneamento pode colaborar com a prática do bem viver?
7. E como o bem viver pode contribuir para o saneamento?

## Resumo da Metodologia

**Tabela 1:** Quadro resumo da metodologia

<b>Objetivo</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Recursos</b>
Descrever algumas práticas de saneamento ambiental utilizadas pelos movimentos sociais visitados.	Observação participante no mutirão do Bem Viver e da Jornada em Defesa da Água, com anotação em diário de campo. Além do grupo WhatsApp para observar como as tarefas eram divididas e pensadas.	Caderno, caneta, máquina fotográfica para registrar as ações. Smartphone com o Aplicativo WhatsApp.
Conhecer o conceito de bem-viver na prática dos movimentos sociais visitados.	Entrevistas com informantes-chave e observação participante	Gravador

### Critério de Inclusão:

Pessoas, que participaram do mutirão do Bem Viver ocorrido em um território indígena no Distrito Federal, entre dezembro de 2018 e janeiro de 2019, e/ou da Jornada em Defesa da Água.

Pessoas maiores de 18 anos.

### Critério de Exclusão:

Pessoas que não participaram dessas atividades.

Pessoas menores de 18 anos.

### Possíveis riscos:

A pesquisa pode causar alguma forma de constrangimento, porém foi feito o possível para minimizar esta situação.

### Benefícios:

Esta pesquisa irá sistematizar uma prática coletiva e auxiliar o coletivo a refletir sobre suas práticas.

### **Questões éticas**

Este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Fiocruz Brasília, e os participantes foram esclarecidos sobre sua participação, através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com participação anônima, podendo se recusar a participar da pesquisa a qualquer momento. Para a publicação deste trabalho final, iremos descaracterizar o nome do movimentos e territórios trabalhados.

### **Metodologia de Análise de dados**

Após a gravação, as entrevistas foram transcritas e classificadas em categorias de acordo com os objetivos específicos. A análise se deu seguindo a técnica de Análise de Conteúdo, proposto por Bardin (1977), na modalidade Análise Temática<sup>24</sup>, visto que, segundo Minayo (2006), é a modalidade mais simples e apropriada para investigações qualitativas em saúde<sup>23</sup>. Esta modalidade consiste em descobrir os “núcleos de sentido” que compõem as falas, cuja presença, ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objeto analítico pretendido<sup>24</sup>. Este instrumento metodológico possui três etapas: Pré análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação<sup>25</sup>. A primeira etapa se caracteriza como uma exploração prévia da literatura e das entrevistas. Foi feita uma Leitura Flutuante dos discursos dos sujeitos, visando o contato direto e intenso com o material de campo, a fim de se impregnar pelo seu conteúdo. Logo após, se estabeleceu a Constituição do Corpus, em que se responde algumas normas de validade qualitativa, como exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. A última fase desta primeira etapa se refere à Formulação e reformulação de Hipóteses e Objetivos, que ao retomar a etapa exploratória, possibilita a correção de rumos interpretativos ou abertura para indagações novas. A segunda etapa consistirá na categorização, que consiste em um processo de redução do texto às expressões e palavras significativas. Na terceira etapa, a partir das informações obtidas, faz-se as inferências e interpretações, relacionando com as teorias inicialmente desenhadas ou abrindo novas teorias e interpretações.

#### 4. RESULTADOS

Durante a observação participante, foi analisado e anotado em diário de campo como ocorreu a organização dos trabalhos e a participação em diversas atividades, como demonstrado na Tabela 1. Houve maior enfoque na observação e participação em discussões e práticas de saneamento ambiental/ ecológico.

**Tabela 2:** Descrição das práticas observadas

<b>Vivências</b>	<b>Práticas observadas</b>
Mutirão do Bem Viver	<ul style="list-style-type: none"><li>● Agrofloresta</li><li>● Ecotrilhas na mata,</li><li>● Recuperação do rio</li><li>● Bioconstrução de ocas</li><li>● Formas alternativas de descarte de resíduos</li><li>● Vivências interculturais - Trocas de saberes e práticas entre os indígenas e voluntários.</li><li>● Sentido de Comunidade</li><li>● Gênero</li></ul>
Jornada em Defesa da Água	<ul style="list-style-type: none"><li>● Educação ambiental</li><li>● Construção de espaços compartilhados</li><li>● Bacia de Evapotranspiração (BET)</li><li>● Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA)</li></ul>

Para a apresentação dos resultados foi feita a associação das práticas vivenciadas com as entrevistas feitas. A análise das entrevistas foi feita a partir da categorização dos temas centrais que foram abordados, conforme a Tabela 3.

**Tabela 3:** Categorização das entrevistas.

Categorias	Subcategorias
Motivação	-
Saneamento	Práticas de saneamento; Importância e cuidados com a água; Importância e cuidados com a terra
Bem Viver	Organização do mutirão; viver em comunidade; caracterização do Bem Viver
Relação entre Bem Viver e Saneamento	-
Reflexões sobre as formas de organização social (capitalismo x bem viver)	Impactos ambientais e sociais do capitalismo e suas outras contradições; Bem Viver como alternativa e esperanças; Papel dos movimentos sociais
Papel da Ciência	-
Espiritualidade	-

Os cinco participantes da entrevista estão identificados neste trabalho como E1, E2, E3, E4 e E5. Todos participaram do Mutirão do Bem Viver e três (E1, E3 e E5) participaram também da Jornada em Defesa da Água. A Tabela 4 mostra a origem de cada entrevistado.

**Tabela 4:** Caracterização dos entrevistados.

Participante	Origem
E1	Ativista e integrante do grupo do Bem Viver
E2	Professora, integrante do grupo do Bem Viver
E3	Indígena, artesã e integrante do grupo do Bem Viver
E4	Permacultor
E5	Integrante do grupo do Bem Viver

#### 4.1 Mutirão do bem viver

Como já dito, o mutirão do Bem Viver foi em um território indígena localizada em uma área urbana do Distrito Federal. O local é utilizado principalmente pelos indígenas que estudam na Universidade de Brasília. Contudo, havia o sentimento que o local deveria ser mais frequentado por eles e outros indígenas para o seu fortalecimento perante os contínuos embates com grileiros e o próprio poder público. Nesse sentido, o mutirão se mobilizou na tentativa de tornar o ambiente mais confortável, promover ações ambientais e sociais.

No mutirão do Bem Viver observamos a integração de diferentes atores, entre indígenas e voluntários, com o intuito não só de melhorar a infraestrutura do território indígena, mas de colaboração comunitária e solidária. Entre as ações solidárias estavam o acolhimento afetivo e informativo que recebemos quando chegamos pela primeira vez e no decorrer dos trabalhos, o fornecimento de caronas, preparo de alimentação, cuidados com limpeza e higiene, espaços para pernoite e cuidado de crianças durante as atividades. Buscou-se rotacionar as atividades entre os participantes. Em entrevista com os participantes do mutirão, foi colocado esse cuidado e a organização de tarefas:

"O bem viver na prática, com os mutirões, é que tudo a gente faz de comum acordo, e também sempre um cuidando do outro, sempre dividindo tarefas, cuidando da nossa mãe terra." E3

"E outra coisa que é legal no mutirão é que não há um trabalho específico, só meu, só teu, só dela, não, é tudo junto e misturado. Você vai e cuida das crianças, você vai para a cozinha, ajuda a fazer o alimento, você faz uma limpeza de córrego, você faz uma ponte de bambu para poder passar, então é bem interagido mesmo e isso é muito legal, e eles gostam." E3

"prática de mutirão tem uma coisa que é histórica, é ajuda mútua, né. Que ainda acontece, eu não sei se tem esse nome, no interior do Brasil onde a economia ainda não é muito monetizada." E4

Todas as atividades do mutirão deveriam se basear em princípios e valores de não reprodução de preconceitos e opressões, como homofobia, machismo, discriminações culturais, violência contra os animais, etc. Todos os participantes eram instruídos quanto a isso antes de iniciar as atividades e a reportar qualquer tipo de violação a esses princípios a membros do mutirão, com possibilidade de punição a quem os violasse, como advertência ou desligamento

do projeto. Essa postura dialoga com a percepção dos participantes entrevistados quando perguntados qual era sua percepção de Bem Viver.

“Bem viver é um mundo onde a gente está livre de todas as opressões, contra mulher, contra os negros, contra os indígenas, contra os animais, contra o meio ambiente principalmente. Então para mim o Bem Viver é uma situação na qual todo mundo se sente pertencido, né, no local, construindo alguma coisa coletivamente que vai trazer o bem para aquele território, para aquelas pessoas que estão no território e para todos nós” E5

A construção do mutirão do Bem Viver se iniciou semanas antes da data estipulada (22 de dezembro). Os voluntários se organizaram em grupos de trabalho (GT) para a construção do evento. Dentre os grupos criados estão o de comunicação, segurança, finanças, resíduos sólidos, alimentação, projetos e arquitetura, entre outros. Nosso enfoque foi dado ao grupo de resíduos sólidos. Esses grupos se organizam separadamente e eram levantadas as necessidades para que fossem divididas em ações.

#### **4.1.1 Grupo de trabalho de resíduos sólidos**

O GT de resíduos sólidos ficou incumbido de gerir os ‘resíduos’ gerados nas atividades, tanto na organização do território para recepção dos voluntários, como no mutirão com as datas estabelecidas. Além de diálogos pelo grupo de Whatsapp específico do GT, houveram reuniões para a escolha da melhor forma de gestão. Apesar de ter um grupo específico de resíduos sólidos, todos os participantes eram responsáveis pelo manejo adequado dos resíduos no mutirão.

Na prática do Bem Viver, a adoção de uma gestão de resíduos não linear que considere os materiais gerados como objetos com potencial de reutilização e reciclagem é essencial. Para além da prática dos três R’s- Reduzir, Reutilizar e Reciclar- outros R’s foram introduzidos na Gestão Integrada e Sustentável dos Resíduos Sólidos (GISRS). A GISRS considera a gestão dos resíduos em uma dimensão técnica, social, cultural, ambiental, legal e institucional. Nessa abordagem foi adotado a Política ‘Lixo Zero’. O termo ‘Lixo’ é utilizado de forma pejorativa com fins didáticos para uma reflexão de como as pessoas lidam com seus resíduos. O termo ‘Lixo Zero’ nasceu na busca da superação do tratamento de resíduos de forma linear. É uma

abordagem com objetivo ético, econômico, de eficiência que busca a mudança no estilo de vida e de práticas, tentando aproximá-las aos ciclos naturais e encarando os materiais gerados como recursos para novas práticas<sup>27</sup>.

O GT de resíduos realizou uma dinâmica de preparação para a vivência na reunião final de organização (19 de dezembro de 2018), nela foi apresentada a prática dos sete R's como mostra a Figura 1.



**Figura 1:** Oficina do GT de resíduos sólidos na apresentação dos 7 R's. Fonte: Arquivo Pessoal

Os sete R's introduzidos foram os seguintes:

1- Repensar: Consiste em pensar de forma crítica o quê se consome e como se consome, levando em consideração que consumir também é um ato político e que no sistema global não existe a possibilidade de se 'jogar fora', é um ciclo fechado. Esse conceito é a base do consumo sustentável.

2- Recusar: Significa ir contra a demanda de constante consumo que o Capitalismo impõe. Recusar significa abrir mão do que é supérfluo.

3- Reduzir: É encarar que nossas práticas podem ser menos nocivas para o ambiente se reduzirmos nosso impacto. Aqui mostra que podemos reduzir o que acreditamos ser necessário para nosso dia a dia.

4- Reparar: É encarado no sentido comum da palavra, consertar o que, apesar do defeito, ainda pode ser utilizado para o objetivo que foi feito ou destinado. O reparar significa também não dar mais demanda para o consumo de objetos usuais. É um conceito pouco utilizado e debatido na dinâmica de consumo e relacionamentos rápidos da atualidade.

5- Reutilizar: Já introduzido na prática dos 3 R's, reutilizar vai contra ao consumo do que as coisas são descartáveis. É a prática de utilizar toda a vida útil dos insumos.

6- Reciclar: É a prática de desenvolver um novo ciclo para os resíduos, encará-los como recurso de um novo ciclo por meio de sua transformação em novos produtos.

7- Reintegrar: Parte de recolocar no ciclo da natureza aquilo que já não pode ser reciclado.

Como já dito anteriormente, o GT de resíduos sólidos fez uma dinâmica de apresentação dos 7 R's e de como seria conduzido a gestão de resíduos do mutirão. Além disso, essa dinâmica solicitou que todos os grupos pensassem em que tipo de resíduos poderiam gerar e como diminuí-los.

Ainda dentro da preparação para o mutirão, os inscritos eram orientados a levar seu próprio utensílios para usar nas refeições, além de ser recomendado que adotassem produtos biodegradáveis e que seu descarte fosse de menos impacto ao meio ambiente.

Na separação dos resíduos, todos os participantes foram instruídos a seguir a técnica de separação em 'recicláveis', 'orgânicos', 'resíduos de obras' e 'rejeitos'. Rejeitos são os resíduos que a tecnologia ou as condições impossibilitam o reparo, reutilização, reciclagem e reintegração<sup>28</sup>. O esquema de separação pode ser visto na figura 2.



**Figura 2:** Desenho com tipo de separação de resíduos adotado. Fonte: Arquivo pessoal.

O tipo de separação de resíduo adotado também foi apresentado e discutido na reunião anterior a vivência. Todas essas informações foram repassadas aos participantes durante a vivência e pela equipe de comunicação na inscrição e recomendações.

#### **4.1.2 Melhoramento da Infraestrutura do local**

Houve visitas para conhecer o território e entender melhor as demandas dos indígenas. O grupo avaliou que a infraestrutura do local necessitava melhorias. Essas atividades começaram a ser feitas antes mesmo do início oficial do mutirão. Entre elas:

- Melhoria das instalações elétricas;
- Melhoria das instalações hidrosanitárias;
- Reconexão do abastecimento de água: o local possuía uma dívida com a empresa de saneamento que foi paga com o dinheiro arrecadado do evento;
- Construção de uma estrutura para elevação de uma caixa de água;
- Conexão de uma caixa de água;
- Construção de uma bacia de evapotranspiração para as águas oriundas da cozinha.

A figura 6 ilustra a caixa de água implementada nas atividades do mutirão. Anteriormente a essas modificações, os indígenas utilizavam a água de um ribeirão para suas necessidades, já que o abastecimento pela a companhia de saneamento havia sido cortado pela falta de pagamento. Essa situação foi resolvida momentaneamente, já que boa parte dos indígenas não possuem fonte de renda para a manutenção do pagamento de contas como essa. Há também a situação do local ser utilizado por muitos de forma passageira.



**Figura 3:** Instalação da Caixa de Água. Fonte: Arquivo pessoal

A área do mutirão foi dividida em diferentes partes para que as dinâmicas pudessem ocorrer. Uma dessas partes é considerada pelos indígenas um local espiritual, por isso só foi permitido a limpeza e parte do acampamento. Para acesso a essa área é necessário atravessar um córrego que corta a área. Uma das ações pensada e executada pelo o grupo foi a construção de uma ponte para facilitar e permitir a travessia do córrego, já que o mesmo está poluído e até mesmo o contato físico pode ser prejudicial às pessoas. Essa foi uma das primeiras ações, a ponte foi construída com bambu, assim como os demais acabamentos para melhor acesso a área, como mostra a Figura 4, 5 e 6.



**Figura 4:** Acesso feito de bambu. Fonte: Arquivo pessoal



**Figura 5:** Ponte de bambu. Fonte: Arquivo pessoal



**Figura 6:** Ponte de bambu (depois do córrego). Fonte: Arquivo pessoal

Outra atividade feita ao longo do mutirão foi a criação de placas e identificação de locais estratégicos. Boa parte das placas eram feitas com o intuito de informar melhor sobre a dinâmica

da gestão de resíduos sólidos e de como lidar com o local que estávamos como mostra a Figura 7.



**Figura 7:** Orientações para manejo de resíduos. Fonte: Arquivo pessoal

Ainda com relação à divisão do local em áreas estratégicas, o depósito de resíduos sólidos gerados foi em um local onde estava alguns bancos e eram feitas a maioria das reuniões, ao lado da cozinha. O local dava grande visibilidade ao depósito, algo interessante a se colocar já que há a tendência em se afastar o depósito de resíduos sólidos colocando lixeiras como depósito intermediário. O local era muito bem sinalizado e colorido como mostra a Figura 8.



**Figura 8:** Local para depósito e separação de resíduos sólidos. Fonte: Arquivo pessoal

Uma das atividades de gestão de resíduos orgânicos foi a construção de um minhocário campeiro (Figura 9). Essa é uma alternativa sustentável e barata, podendo-se aproveitar materiais já disponíveis para sua construção, como bambus, madeiras e folhas secas. O adubo orgânico resultante desse procedimento é rico em húmus, produto rico em nutrientes para as plantas e que melhora a qualidade do solo<sup>27</sup>. A construção e utilização de um minhocário coloca em pauta mais uma vez a abordagem de encarar os resíduos como fontes de nutrientes para outros processos e tentar tratá-los localmente, diminuindo o impacto em aterros sanitários. Essa concepção de manejo local é bastante compreendido pelos participantes como uma alternativa de saneamento para a prática do Bem Viver.

“Então, eu acho que é fechar o ciclo. É você tratar os resíduos de forma a virarem alimento. Que é o que a bacia de evapotranspiração, por exemplo, propõe. Você conseguir não gerar esse resíduo como resíduo, você aproveitar esse resíduo para que ele possa ser utilizado para a produção, por exemplo.” E2

"A nossa prática de saneamento no mutirão, também um cuidado que a gente teve muito e sempre vai ter, são os banheiros secos, porque aí a gente vai estar aproveitando também para fazer adubação, e temos novamente que cuidar da água e de todo o resto do saneamento" E3



**Figura 9:** Minhocário campeiro para o tratamento de resíduos orgânicos. Fonte: Arquivo pessoal

O desperdício de água é um dos principais problemas atuais, e as constantes políticas de racionamento implementadas em vários estados brasileiros demonstram a criticidade desse uso insustentável. Os sistemas de descarga de vasos sanitários são os principais gastadores de água nas residências. Em uma única descarga, se gasta em torno de 12 litros de água potável<sup>30</sup>. O banheiro seco, também chamado de banheiro compostável, ecológico ou sem água, é uma alternativa viável para mitigar o desperdício de água, a poluição e para o uso em comunidades que não têm acesso ao sistema centralizado de saneamento. Os resíduos de fezes gerados são tratados e há reaproveitamento como adubo orgânico, propiciando um ciclo fechado de auto-regeneração<sup>31</sup>. Essa prática de implementação de banheiros secos é acessível e têm sido muito utilizada (Figura 10 e 11). Os participantes do evento destacaram os seus benefícios que vai de acordo com a tentativa de fechar o ciclo dos nutrientes na gestão do saneamento.

“então a ideia de fazer os banheiros secos, essa separação da água cinza para você poder fazer com que ela seja tratada ali mesmo, então para mim é essa inserção é você trazer elementos de saneamento sustentável, de você mostrar que existe uma forma de você habitar aquele ambiente sem destruí-lo” E5

"A nossa prática de saneamento no mutirão, também um cuidado que a gente teve muito e sempre vai ter, são os banheiros secos, porque aí a gente vai estar aproveitando também para fazer adubação, e temos novamente que cuidar da água e de todo o resto do saneamento"E3

Figuras 10 e 11: Banheiro seco montado no Mutirão do Bem Viver



Figura 10: Banheiro seco. Fonte: Arquivo pessoal



Figura 11: Sanitário seco. Fonte: Arquivo pessoal

As atividades de cada grupo eram rotatórias para que todos pudessem experimentar o significado de cada trabalho e compreender a importância. A cozinha foi um importante local,

havia a elaboração de todas as refeições que eram vegetarianas e primavam pela não utilização de produtos de origem animal já que um dos princípios do Bem Viver é a não exploração de qualquer ser vivo e a diminuição do sofrimento. Buscou-se o compartilhamento de tarefas na cozinha entre homens e mulheres na tentativa de combater a segregação de gênero em atividades específica, contudo era recorrente a maior presença de mulheres no ambiente da cozinha.

A lavagem de pratos, copos e talheres dos voluntários era responsabilidade de cada um. Houve a implementação de um sistema com três bacias para o limpeza dos utensílios com o objetivo de diminuir o uso de água. Inicialmente é colocado uma lixeira para depósito de lixo orgânico, o acumulado era depositado na composteira de bambu. Com o utensílio livre de resíduos grossos, o mesmo era emergido dentro da primeira bacia para facilitar limpeza e retirar resíduos líquidos, o voluntário lavava a utensílio com o bucha natural e sabão e logo após colocava na segunda bacia também com apenas água. A terceira bacia foi colocado água com limão para finalizar a higienização da louça. O participante E1 coloca a economia feita com a adoção dessa técnica.

"Três bacias para lavar louça: não sei de onde tinha tirado, que a lavagem de um copo dedicava 100 ml para lavar, e aí a gente ficava calculando, pois em cada bacia utilizamos 10 litros de água, e colocava só uma bacia por turno, se eu não me engano tínhamos chegado em torno de 35 ml, reduziu dois terços, e mesmo assim achava muito" E1

#### **4.1.3 O uso de produtos e suas origens**

Um importante princípio desenvolvido e compartilhado entre os integrantes da vivência é compreender que o que consumimos vem de um longo processo de produção que, muitas vezes, utiliza a exploração de pessoas, animais e ambientes. Algo que contradiz a busca e prática do Bem Viver. Nesse contexto, buscou-se valorizar alimentos que fossem oriundos da agricultura familiar, que não utilizassem agrotóxicos, produtos que não viessem de origem animal e que fossem produzidos localmente. Houve uma grande mobilização na busca de doações de alimentos para a realização das refeições que obteve ajuda de feiras (orgânicas e não-orgânicas), dos próprios participantes e de alguns colaboradores. Vale ressaltar que essa foi uma ação de diminuição de impacto, já que muitos produtos não seguiam todas essas

especificações. Dentro das entrevistas, o participante E4, que é permacultor, também falou da necessidade do uso de mais água na lavagem de utensílios quando se consome carne.

"Quando vem alguém que faz carne aqui e a gente pede que não faça, mas às vezes faz, ou traz uma coisa e tal, você nota que para lavar você gosta muito mais água e muito mais necessidade de detergentes mais fortes. Nesse sentido, aí você começa a ter que impactar a água em função do consumo de carne pela gordura toda que fica impregnada." E4

#### **4.1.4 Cirandas**

Com a perspectiva de que todos os participantes do mutirão eram colaboradores também do processo de organização da vivência, buscou-se o revezamento das atividades. Algumas delas eram fixas, ou seja, ocorreram durante todo o período do mutirão, como a ciranda que buscava cuidar e entreter as crianças do evento e a cozinha. Nesses dois locais houve a tentativa de equiparação de gênero e, além disso, na ciranda tentou-se colocar pessoas que não fossem as próprias mães ou pais das crianças.

#### **4.1.5 Curso de Bambu**

Outra atividade desenvolvida no mutirão do Bem Viver acompanhada foi o curso de tratamento e aplicação de bambu em bioconstruções. O curso foi iniciado dentro do território indígena com o tratamento e aplicação do bambu na estruturação dos locais como já dito anteriormente. Dentre as estruturas montadas foram a construção de uma ponte para travessia do ribeirão, a construção de um suporte para elevação da caixa de água, a construção estruturantes de ocas, o uso do bambu na tubulação para transporte das águas residuárias da cozinha para a bacia de evapotranspiração. A continuação do curso ocorreu em um outro local.

#### **4.2 Atividade “Jornada em defesa da água”**

A ação “Jornada em defesa da água” foi realizada o dia 7 de abril de 2019. A atividade foi organizada por alguns membros que também coordenaram o mutirão do Bem Viver e que foram figuras ativas na organização e participação do Fórum Alternativo Mundial da Água (FAMA 2018). O FAMA 2018 foi uma contraposição ao ‘8 Fórum Mundial da Água’, evento autodenominado que ocorreu em março de 2018 em Brasília. Com o tema “Água é direito, não

mercadoria” o FAMA buscou trazer o debate democrático da água como bem comum. O FAMA não considera legítimo o Fórum Mundial da Água já que esse possui uma forte influência e financiamento de grandes corporações multinacionais que buscam a privatização da água e a gestão da água priorizando o agronegócio e a indústria pesada<sup>32</sup>.

A Jornada em defesa da água reuniu cerca de cem pessoas que foram visitar comunidades locais, em que a existência das mesmas propõe uma reflexão sobre como é encarado o território do Distrito Federal. O primeiro local visitado foi o Santuário dos Pajés, localizado às margens da Estrada Parque Indústria e Abastecimento Norte (EPIA Norte), onde hoje se encontra o bairro Noroeste, bairro nobre do Distrito Federal. O segundo local visitado foi o assentamento Nova Petrópolis, em Planaltina (DF) e o terceiro e último local foi o assentamento Canaã, localizado em Brazlândia (DF) e praticante da tecnologia da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA).

#### **4.2.1 Visita ao Santuário dos Pajés e o Território dos Kariri-Xocó**

O Santuário dos Pajés e o território dos Kariri-Xocó são áreas indígenas inseridas dentro do contexto urbano de Brasília. Há relatos da presença de indígenas na região do que hoje é considerado o Distrito Federal há centenas de anos. Porém, o relato mais difundido da presença de povos tradicionais na região do Santuário dos Pajés data de 1957 que era utilizado por tio de Santxiê que veio no primeiro grupo dos Fulni-Ô para a construção de Brasília. Em 1969 outras etnias vieram compor o que seria chamado de Comunidade Indígena Bananal, os Tuxá e os Kariri-Xocó. Em 2008 a etnia Guajajara também se integrou ao local. Na área é possibilitada a prática das atividades espirituais, culturais, subsistência e entre outras. A reivindicação do local como terra indígena é antiga e foi durante muito tempo negligenciada. Nesse contexto, surge a criação do bairro Noroeste que, inicialmente, nasce com o conceito de “bairro verde”. A área do bairro inicial abrangia boa parte da área do Santuário dos Pajés e colocou e, ainda, coloca em risco a presença dos indígenas na região. A Companhia Imobiliária de Brasília - Terracap leiloou em 2009 parte do terreno que os indígenas lutaram para o reconhecimento como território indígena. Na mesma época empreiteiros começaram a desmatar e construir na área. Com a resistência indígena e de grupos locais, esses empresários ficaram ainda mais violentos, levando a incêndio da residência de indígenas e confrontos com a polícia. Após uma longa luta, parte do território contestado pelos indígenas foi de fato reconhecido como território indígena. Com a alta especulação imobiliária, o bairro Noroeste tem hoje um dos metros quadrados mais

caros do Distrito Federal. Seu acesso é escasso e a convivência dos indígenas com os moradores é tensa, com relatos de preconceito e até mesmo tentativa de violência contra as pessoas do Santuário.

Outro questionamento levantado no encontro foi o relacionado a água naquele local. O bairro Noroeste se localiza em uma região que ajudava na amortização de chuvas na região da Asa Norte, além de ser área de recarga do córrego Bananal, corpo hídrico que a partir de 2017 começou a ser usado para a captação de água para abastecimento pela Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (CAESB). Essa iniciativa foi uma das propostas elaboradas para diminuir a grave crise hídrica enfrentada na região no ano de 2016 e 2017<sup>33</sup>.

A visita ao santuário mostrou um pouco de como a comunidade vive na região, suas dificuldades e, principalmente, serviu como um convite a participação do “Acampamento Terra Livre 2019” que é a mobilização nacional para dar visibilidade aos direitos indígenas e reivindicar ao Estado o atendimento das demandas. Dentro da visita, os indígenas moradores do Santuário falaram da importância dessa mobilização no contexto de perda de direitos, da negligência do Estado com relação aos contínuos ataques de várias etnias vêm sofrendo e até mesmo contínua propagação de ódio que alguns setores têm levantado contra povos tradicionais<sup>34</sup>.

#### **4.2.2 Visita ao assentamento Nova Petrópolis - Planaltina (DF)**

A visita ao assentamento Nova Petrópolis foi logo após sairmos dos Santuários dos Pajés. Lá os moradores falaram um pouco do histórico de ocupação do grupo, das conquistas realizadas, do mutirão de bioconstrução ocorrido em 2018 com a ajuda de boa parte do grupo do Bem Viver e das demandas que eles têm. A história do Ocupação Maria da Penha começou com a ocupação de um terreno abandonado às margens da BR 020 em fevereiro de 2015, no quilômetro 19. Após longo processo de negociação com o governo local para cadastramento das famílias no programa de habitação e na destinação de um local em Planaltina para a construção de unidades de habitação de interesse social com recursos da “Minha casa, minha vida”, os ocupantes resolveram sair do local. Porém, com o não cumprimento do acordo, às famílias voltaram a ocupar o local. Foram construídas moradias temporárias e a estrutura da Escola Maria da Penha Resiste. O movimento foi citado em dois atos de reintegração de posse, cada um com um suposto dono diferente e em nenhum dos atos o local era descrito de acordo

com a realidade, o que levou o movimento a acreditar que o local estava sofrendo grilagem e a denunciar. Mesmo assim, foi efetuada a remoção forçada das famílias do local. Sem ter para onde ir, algumas famílias ficaram às margens da BR 020 e depois ocuparam um outro local não utilizado, a UNAF Arapongas. Durante alguns meses às famílias não tinham energia elétrica e abastecimento de água, colocando em risco a saúde das pessoas. Após um período a negociação para destinação de uma área às famílias voltou a tramitar. Em 2017 a Companhia de Habitação do Distrito Federal propôs um projeto de habitação em Planaltina, contudo esse projeto foi alterado retirando os recursos destinados a construção das moradias. Das 500 famílias participantes da primeira ocupação, 59 foram contempladas com o terreno<sup>35</sup>.

Sem recursos para a construção das moradias, o movimento criou parcerias com coletivos e pessoas ativistas para arrecadação de materiais, financiamento e mão de obra. Dentro dessas parcerias nasceu o Mutirão de Bioconstrução de Planaltina, ação que ajudou na construção de algumas moradias. Muitos participantes desse mutirão também participaram de outras atividades aqui citadas, como o FAMA, o mutirão do Bem Viver e a própria jornada pela água. O mutirão que aconteceu nesse assentamento foi constantemente mencionado nas entrevistas realizadas.

“Então, eu conheci o grupo nesse mutirão lá de Nova Petrópolis. Eu fui chamada lá pelo pessoal do movimento para ajudar nos projetos das casas porque eles receberam os lotes onde não se tinha a menor ideia de nem por onde começar, né. Então eu e uma amiga começamos a acompanhar o grupo, a desenvolver o projeto.” E2

“E o Bem Viver é um conceito indígena e a gente trabalha muito com essa questão do resgate do conhecimento ancestral combinado com o conhecimento moderno. Então assim, o conceito do Bem Viver é um conceito que me atrai bastante. Pessoalmente e como permacultor. Então são coisas que estão intimamente relacionadas, é difícil dizer onde começa um e termina outra, para mim. Porque elas se comunicam bastante, né. Então isso que me levou a participar do primeiro e também estive em outro mutirão que teve, uma série de mutirões que teve perto de Planaltina...” E4

Na visita podemos conhecer uma casa que ficou conhecida com a “casa modelo” de bioconstrução. No imóvel, boa parte da estrutura é feita de bioconstrução, há uma pequena horta suspensa no início da casa. No fundo do lote, implementou-se um Bacia de Evapotranspiração com a utilização de Bananeiras para o tratamento das águas residuárias da família. Essa tecnologia foi utilizada apenas por essa família, já que o Codhab entregou os lotes com a estrutura de uma fossa, como os lotes eram pequenos, muitas famílias não quiseram destinar parte do lote para a construção dessa tecnologia.

O encontro também serviu como um convite a participar das futuras ações que o movimento quer realizar, como a construção de local comunitário com área já destinada. O projeto é que local seja construído com tecnologias de bioconstrução.

#### **4.2.3 Visita ao Assentamento Canaã- Brazlândia (DF)**

A visita ao assentamento Canaã aconteceu ao fim da tarde. Lá os participantes puderam observar um pouco do trabalho realizado pelos os agricultores. A produção de alimentos é orgânica. Os agricultores relataram o sistema de ajuda que era desenvolvido com todos os assentados. O assentamento Canaã vem de um longo processo de ocupação que envolveu embates muito duros. O terreno possuía uma grande plantação de eucalipto, algo que durante muito tempo sobrecarregou a terra e impediu que os assentados pudessem produzir. Os assentamentos também têm a problemática de falta de água.

Os assentados relataram a dificuldade em conseguir escoar sua produção e também para conseguir financiamentos de crédito rural, já que a escolha por uma produção ecológica os exclui da maioria das linhas de financiamento executadas por grandes bancos e pelo governo federal. Nesse contexto, foi apresentado a tecnologia das CSA's. As CSA's consistem em um grupo de apoio, os coagricultores, que subsidiam a produção dos agricultores. Nessa tecnologia, os agricultores apresentam os custos e dificuldades da produção e isso é dividido por um grupo de pessoas pré-estabelecido. Os coagricultores pagam uma cota antes dos alimentos serem produzidos, cada cota possui cerca de 10 itens. Essas cotas são distribuídas em um Ponto de Convivência da CSA. Além do financiamento da produção, os coagricultores também participam de mutirões mensais e podem acompanhar o ciclo de produção dos alimentos. Quando há algum tipo de praga ou problema na plantação, esse prejuízo também é socializado. Essa tecnologia permite mais estabilidade ao agricultor que não precisa mais se preocupar em como escoar sua produção e não necessita da interferência de um atravessador. Além de valorizar os agricultores locais, respeitar o ciclo dos alimentos e o ambiente local.

Dentro dessa dinâmica, a visita convidou os participantes a fazer parte do CSA do Bem Viver que, além de propor essa de dinâmica de colaboração, também coloca na cota de famílias uma família que não paga pela cota. Ou seja, a cota de uma família é subsidiada pelas outras famílias participantes. Como o consumo de alimentos orgânicos é caro e geralmente é restrito

às pessoas com poder aquisitivo médio ou alto, a CSA do Bem Viver dialoga com a busca da socialização de alimentos orgânicos para todos.

Além dessas apresentações, a atividade da Jornada em defesa da água mostrou as conquistas e objetivos de locais de resistência no Distrito Federal. Na busca de chamar as pessoas para a transformação do território.

### **4.3 Conhecimentos e práticas dos povos tradicionais como base para o bem viver**

Durante as observações participantes e nas entrevistas, foi possível perceber como é muitas vezes desafiador para nós, não indígenas, apreendermos todo o sentido do bem viver e suas práticas, diferentemente de populações indígenas que muitas vezes já estão inseridas num contexto social em que já se vive o bem viver cotidianamente, embora não com essa definição, como relatado pelo nosso entrevistado indígena:

“E quanto ao mutirão do bem viver, o nome, para nós indígenas, povos originários, a gente não tinha um nome específico para o bem viver. Bem viver para nós é viver bem, é respeitando a mãe natureza, e nossos biomas, nossas floras, e proteger a nossa terra porque dela que vem tudo, nossos alimentos, embora, como já falei, não sabendo que o nome era o bem viver. Para nós o bem viver é estar plantando, colhendo nosso alimento sem agrotóxico, e respeitando a nossa mãe, que é a mãe de todos. (...) É como eu te falei, nós povos originários, a gente sempre praticou o bem viver, não por esse nome, mas o que é o bem viver para nós povos originários? Volto a repetir: é cuidar da terra, dos nossos anciões, das nossas crianças, respeitando a nossa ancestralidade que é a mãe terra, que é a água, porque ela é a base de tudo. (...) Nós povos originários, na nossa aldeia sempre vive no bem viver, que é essa palavra, então a gente sempre vive em harmonia, com a natureza, com a nossa ancestralidade, em comunidade em todos os sentidos” E3

O termo “mãe terra” muito utilizado pelos indígenas demonstra essa íntima relação e reverência com a natureza, pois é dela que vinemos. A terra é viva e dá vida. É uma relação de mútuo cuidado e afetividade entre todos os seres da natureza, incluindo, obviamente, os seres humanos. É como se tudo fizesse parte de um único ser, já que todas as partes são dependentes umas das outras e a qualidade de vida, de todos, se encontra nesse equilíbrio.

"para nós, nosso território, nossa mãe terra é a nossa mãe mesmo, mãe de todas as mães (...) qual é a nossa primeira morada? É a água, a gente cresce numa bolha de água, no útero de nossa mãe. A terra, ela é água, embora tenham os rios, mas uma está ligada com a outra, porque uma sem a outra não tem como a existência, da fauna e da flora (...) na verdade a terra é viva, você vê que tudo que você planta ela nasce.” E3

A espiritualidade, que dá sentido à vida e está presente em quase todas as comunidades de diferentes formas de organização social, para os indígenas se encontra exatamente nessa relação com a mãe terra. Esse vínculo reforça o comprometimento com o bem viver e com o território.

"A nossa ancestralidade ela é, como você diz, espiritual, e onde a gente faz nosso ritual é na terra, é na água, a gente não precisa ir para uma igreja, vamos dizer assim, porque deus existe sim, embora com outro nome, mas é um só. Para nós indígenas mesmo há muitos nomes, como Niamissun, Tupã, Nhanderu, e assim vai, o grande criador, mas na verdade é um só. Então essa nossa ligação com os quatro pontos que a gente vê muito, o sol, que vem para nos aquecer, o vento, que toca na gente, que é o nosso ser, a água, que para nós é nosso sangue, nossa vida, o que nos sustenta, e a terra vem toda nossa sabedoria de alimentação, que a gente pisa, então sem o nosso território eu acho que não só nós, povos originários, mas como os que não são indígenas, nós não somos ninguém, porque nem que seja um cantinho, ali é seu território, e ali você pode estar fazendo de tudo. E para nós, nosso território, nossa mãe terra é a nossa mãe mesmo, mãe de todas as mães. Não tem como viver sem a água, sem o rio, sem a terra. Então a gente procurava sempre onde tinha rio, que facilitava." E3

Em um mundo em que as pessoas se distanciam da natureza, que na verdade é nossa natureza, e em que a depredação ambiental é constante, o sentimento que temos e que percebemos nas outras pessoas é de que também somos depredados pouco a pouco. Ao participar dessas atividades e convivermos com os indígenas, que têm uma concepção mais abrangente de viver bem, nos enchemos de esperanças e reconhecemos que a luta indígena não é só dos índios, mas de todos nós, e que podemos a partir dos nossos conhecimentos, profissionais ou de práticas cotidianas, e também com o uso de tecnologias, contribuir para esse mesmo fim. Esses sentimentos foram presentes nos outros participantes do mutirão e da jornada, e também apareceram em alguns relatos das entrevistas:

"No fórum em defesa da água não tem como não participar porque a água é nosso bem maior, somos águas, e o pessoal que privatizar, e eu acho que nós, povos originários e não originários, todo mundo deve sim se preocupar e cuidar da água, porque queira ou não nós somos água, vivemos pela água, porque sem a água a gente nunca vai existir." E3

"o Bem Viver é um conceito indígena e a gente trabalha muito com essa questão do resgate do conhecimento ancestral combinado com o conhecimento moderno. Então assim, o conceito do Bem Viver é um conceito que me atrai bastante. Pessoalmente e como permacultor." E4

"a luta indígena é uma luta de todos nós, então a gente não identificar essa semelhança todo mundo sai perdendo. Então realmente para mim era mais a satisfação de estar

construindo alguma coisa naquilo que eu acredito, naquilo que eu acho que enfim vai trazer o bem para todo mundo” E5

#### **4.4 Bem viver como alternativa de transformação pessoal e social**

As práticas de bem viver levam a importantes transformações não só do ambiente e das relações sociais, como também, e talvez antes de tudo, transformações pessoais no nível emocional. Motivação, alegria, entusiasmo, são alguns dos sentimentos que tivemos durante as atividades e que foram percebidos em outros participantes. O bem estar causado pelo ato de se reunir e trabalhar com outras pessoas com as mesmas esperanças e ideais, e o sentido de comunidade causando um sentimento de pertencimento foi relatado nas entrevistas. A aquisição de conhecimentos e a experiência laboral em formas de saneamento ecológico, bioconstrução e outras práticas de sustentabilidade foram edificantes.

“Então, para mim mesmo, eu tinha um conhecimento teórico, eu não tinha uma vivência de, de fato, construir. Então para mim foi uma experiência bem, bem legal mesmo.” E2

“A minha concepção de Bem viver é um mundo onde a gente está livre das opressões, todas elas, contra mulher, contra os negros, contra os indígenas, contra os animais, contra o meio ambiente principalmente. Então para mim o Bem Viver é uma situação na qual todo mundo se sente pertencido, no local, construindo alguma coisa coletivamente que vai trazer o bem para aquele território, para aquelas pessoas do território e para todos nós né, que é isso, a gente transformar o mundo e a gente ser feliz no meio do caminho. Então para mim o Bem Viver é essa junção de todos os seres em construir um mundo no qual todo mundo é livre de opressão, todo mundo tranquilo e o nosso meio ambiente estar preservado para as próximas gerações. Parece utópico, né, mas é lindo!” E5

O poder transformador do pensar e agir em comunidade são essenciais para efetivamente solucionar os problemas de um território. A diversidade cultural, de formações, de idades, de experiências, etc., foi enriquecedora, e apesar dessa diversidade, a congruência de princípios era explícito e foi fundamental para nortear as atividades, com a não tolerância a qualquer tipo de preconceito. Como exemplo, houve um episódio de machismo durante uma das atividades que resultou na interrupção dos trabalhos, repreensão a quem causou a situação e acompanhamento e apoio às vítimas. Isso demonstra que o sentido de comunidade pode gerar também transformações morais entre seus membros.

"Então, o grupo lá, foi um grupo que foi muito rico, sabe, foi muito transformador aquela vivência ali, porque apesar dos pesares, dos contratempos que nós tivemos, foi o momento que nós reconhecemos pessoas que têm os mesmos princípios que a gente. E mesmo essa decisão de sair de lá, mostrou isso, que existem princípios e que quando esses princípios são quebrados a gente não vai estar junto. Então é um grupo que realmente está ali trabalhando pelo que acredita. E eu acho que essa questão da valorização da pessoa, respeitar as diferenças, da não opressão, não exploração, isso a gente está falando da natureza mas a gente também está falando das pessoas." E2

"Eu acredito que essas construções coletivas que a gente identifica um problema e constrói uma solução coletivamente é a melhor forma que você tem de realmente enfrentar algum problema, que aí as pessoas que estão enfrentando o problema vão trazer a solução e vão construir coletivamente essa solução de uma forma que elas se sentem pertencidas naquilo. Então eu acho que o que mais me motiva nesse tipo de ação é justamente fazer com que todo mundo se sinta inserido no processo" E5

Além das relações comunitária, a integração com a natureza, com o território foram reforçadas, trazendo bem estar ambiental e pessoal. Ficou clara as possibilidades de autossuficiência do território, ao se aproveitar todos os materiais ali já disponíveis, como os bambus, para as construções, e um tratamento de resíduos também territorializado. Essa consciência nos traz um maior senso de responsabilidade, já que todos são responsáveis na gestão de materiais, além do sentimento de pertencimento e colaboração.

"minha concepção, eu não sou uma estudiosa a fundo ainda da teoria do Bem Viver, mas eu acho que é como o nome diz, né, como a gente viver bem e integrado a natureza, ao que a gente tem, no meio, para oferecer, com o menor impacto negativo e com o melhor impacto positivo. Então é aquilo que a gente pode trazer para melhorar a condição de vida das pessoas e a relação com a natureza e tudo mais. Os territórios do Bem Viver, a proposta, é que sejam espaços onde o grupo se insere e, colaborativamente, com as pessoas que vivem naquele território, construam soluções para os problemas que eles têm. Então a ideia é, dentro do grupo existem pessoas que além de arquiteto, tem engenheiro, tem psicólogo, tem professor de história, enfim, tem gente que trabalha com criança, tem muitas especialidades. Então cada um contribuir com o que tem, ajudando a transformar aquele território positivamente." E2

"é essa concepção de você ter uma conexão com o lugar onde você mora. De você priorizar, para a sua qualidade de vida, aspectos mais ligados a simplicidade ao estar no lugar que você está com a comunidade a qual você pertence, mais que acúmulo de coisas e consumismo." E4

"eu acho que o ideal seria de uma forma que a gente gerisse isso no território. Eu acho que a forma como a infraestrutura é feita, centralizadora, em que você tem um ponto para fazer o tratamento, você tem que trazer o tratamento, o esgoto de bem longe para poder tratar, isso não entra na minha cabeça como uma forma inteligente de se lidar com problema. Então eu acho que para o Bem Viver, o tratamento local. Então seria uma bacia de evapotranspiração na dimensão da família, entendeu? Banheiros secos, uma gestão dos resíduos sólidos de uma forma que você tem a compostagem. O reciclável que você destine para cooperativas de catadores de lixo, enfim, aquilo que você não acha que possa ser reaproveitado, tanto orgânico ou reciclável, você arranjar

outra utilização, ou doar alguma coisa que às vezes você tem né, móveis. Essas coisas que às vezes as pessoas jogam no lixo inclusive. Em Brasília a gente não tem muito esse histórico porque a gente não tem rio, mas em São Paulo tem um problema seríssimo com isso de achar geladeira dentro do rio Tietê, sofá, entendeu? Então eu acho que o saneamento para o bem viver, ele tem que ser uma coisa tratada no território e em conjunto, de uma forma que todos os moradores estejam participando, inseridos e saibam a sua responsabilidade, que é isso, não adianta nada separar o lixo se todo mundo joga no mesmo saquinho e depois joga no caminhão que vai passar e levar meu lixo.” E5

Uma das motivações que levam todos nós a buscar essas novas formas de se relacionar no e com o território, decorre da preocupação com a forma insustentável de sociedade que temos na maior parte do mundo. O capitalismo agravando cada vez mais a depredação ambiental, as injustiças sociais, o consumismo desenfreado, a falta de tempo, são alguns dos temas considerados mais críticos que foram abordados durante a pesquisa. Há também uma dura crítica às estratégias empregadas dentro desse sistema societário como forma de mitigar esses problemas, que na verdade não resolvem e até causam outros transtornos ambientais e sociais. O bem viver surge nessa perspectiva como uma forma efetiva de superação desses problemas, e cada atividade feita nesse sentido, como as observadas neste estudo, traz um pouco mais de esperança de um novo mundo.

"alegando uma necessidade de transição energética, se produz uma grande usina solar, que tem um impacto imenso, que mantém a propriedade da terra, que mantém a renda concentrada e que ela em si por ter um método de massa, ela não é ecológica no sentido que a gente defende mesmo, realmente uma integração entre humanidade e natureza. Pensa, aquelas usinas solares projetam luz e calor constantemente para um espelho central e aquilo ali atrai os pássaros e eles são fritos naquela luz, então aquilo é super danoso para fauna local, então desequilibra os ecossistemas da mesma forma, e aí as experiências que tem disso no oceano, no deserto, nos EUA tem muito né, no norte da Califórnia, são todas assim, eles exterminam a fauna de aves locais, e isso não pode ser aceito, mas isso por quê? Porque pra eles é muito difícil pensar um modelo de transição, em qualquer setor econômico, que não seja a partir da concentração de renda, o capitalismo funciona assim. (...) quem é que fica sem casa numa enchente, que fica sem água primeiro, que come comida envenenada, que no final das contas corre risco que em sua casa desabe um barranco em cima, que em onda de calor sofre mais porque não tem ar condicionado, que em onda de frio sofre mais porque na casa não tem conforto térmico, que não tem mobilidade, que é sujeito a poluição de todos os tipos, quem utiliza alimento, vestuário, objetos gerais com mais plásticos que tem Bisfenol A? Então no final das contas é o povo mais pobre que está mais suscetível a isso, sempre foi, e aí não adianta falar de luta de classes ignorando que o planeta está morrendo e levando consigo as pessoas e primeiramente as pessoas mais pobres (...) nós não conseguimos acabar com a destruição ambiental sem acabar com a exploração, sem acabar com as opressões de gênero, de raça, de nacionalidade, de sexualidade, tem que acabar com todas elas e essas coisas estão interligadas, o capitalismo com o patriarcado, com o colonialismo, com uma ideia de antropocentrismo, de que o ser humano também é dono de tudo e pode fazer o que quiser, isso vai da sua relação com a alimentação, mas isso vai também com a sua relação com a natureza (...) não tem coisa mais revolucionária do que você defender

realmente o fim da exploração, o fim da propriedade do conhecimento, da propriedade dos meios de produção, a partir de uma lógica de sustentabilidade, de acabar com a exploração e destruição do planeta num contexto comunitário, que combine várias ações de pequena escala numa imensa escala que transforma o mundo. Não dá pra gente falar que quer realmente derrotar o sistema mais totalizador, mais destrutivo que a humanidade já inventou se a gente seguir dependendo da infraestrutura que ele provê. Então a gente pensar em soluções comunitárias ali de produção de energia, de produção alimentar, de tratamento de esgoto, geração de emprego e renda, de convivência cultural inclusive, porque a indústria cultural é importante pra hegemonia nesse sistema, a gente consegue pensar realmente ai sim em outros paradigmas, e o bem viver dialoga muito com isso.” E1

Os movimentos sociais surgem como forma de luta pela transformação social, porém, por muitas vezes estarem engajados em apenas uma ou outra causa, perdem a visão do todo que geram os problemas. Esse empecilho se encontra em diversos movimentos, como os ambientais, de moradia, feministas, etc., em que a falta de diálogo entre eles, e até a negação de suas causas, dificulta o alcance de seu poder subversivo. O bem viver, ao dialogar com todas essas lutas, pode se tornar um movimento de unificação e de fortalecimento dos movimentos sociais.

“eu ficava fazendo mediação, primeiro a gente luta só por moradia, ou primeiro a gente luta por tal coisa e depois luta pelo resto. Sempre pautas e projetos específicos, e depois a gente começou a fazer uma busca por uma luta na sua totalidade mesmo, então trazer todas as lutas, nossos princípios, valores, estratégias, e aí esse debate do bem viver se intensificou mais. O bem viver, a partir do eco socialismo, na forma que a gente vê, é o que tem de mais totalizador no sentido de que finalmente é uma metanarrativa que pode se contrapor ao fim da história depois ali da queda do muro de Berlim, e a hegemonia do capitalismo ali sem nem um tipo de barreira” E1

A ciência é outro importante meio para se alcançar um mundo melhor, e todas as áreas têm a oferecer para o bem viver, principalmente na sistematização teórica e de práticas. Porém, os cientistas devem ter consciência que não são detentores do saber, e que é nas trocas de saberes que se faz a verdadeira ciência, e nisso a ideia de bem viver tem muito a contribuir.

"Porque a academia, por vezes, peca em vários aspectos. Primeiro ignorando a produção de conhecimento dos povos originários, das populações tradicionais, as pessoas que estão na ponta do capitalismo, na periferia do capitalismo, ou as vezes até leva isso em consideração mas não referencia quem produziu esse conhecimento, ou leva isso em consideração e até cita a fonte, cita de onde veio, mas usa aquilo pra defender uma manutenção do sistema, manutenção de um meio de vida que na sua essência e forma hegemônica nega a existência daquele povo. Então a gente vê isso quando grandes chefes, renomados da alta gastronomia, vão lá nos territórios tradicionais para validar ali, pra dizer que são conscientes, mas pra levar um tipo de negócio que é do capitalismo, e que no final das contas está destruindo o próprio povo daquela comunidade, enfim, tem muita contradição e é muito massa quando a academia conseguem pensar em uma forma de produção que tenha uso mesmo, acho

que é por isso que o resto do país paga impostos para manter esses espaços mesmo, pra devolver para a sociedade. E nós precisamos muito de números, de indicadores, de comparativos, entre uma bacia de evapotranspiração e um vaso sem duplo acionamento, e um vaso com duplo acionamento, e o banheiro seco, precisamos muito dessas coisas sabe, então tem gente que está começando a dar um gás nisso porque as pessoas têm um fator cultural, fator estético e tem as vezes uma dúvida econômica mesmo, qual que é mais viável, qual que é mais durável. A gente não tem essas dúvidas, mas as pessoas têm, então é um problema não ter dado técnico” El

## 5 DISCUSSÃO

O sistema socioeconômico vigente reproduz, historicamente, não só desigualdades sociais pela má distribuição de renda, como também desigualdades raciais, entre gêneros, no acesso à saúde, à ambientes saudáveis, etc., estando todas essas desigualdades interligadas e gerando tantos outros problemas sociais. Além disso, a degradação ambiental e seus efeitos nocivos vêm aumentando em nome do sistema capitalista. A busca por uma sociedade baseada na igualdade e respeito entre os homens e o meio ambiente é essencial para a resolução desses problemas.

O sistema capitalista, ao considerar a força de trabalho e a natureza como meios de provimento ilimitados para a produção, geram, segundo James O'Connor (2002)<sup>36</sup>, a segunda contradição do capitalismo, em que essa expropriação extingiria aos poucos os meios de produção, elevando os custos pela incorporação de tais externalidades negativas e diminuição de lucros. Essa crise produtiva decorrente da mercantilização de diferentes áreas da vida se reflete também de forma desigual na população, acirrando ainda mais as diferenças sociais. Isso demonstra um dos motivos da insustentabilidade desse sistema político-econômico. Ainda que com essa e outras contradições, esse sistema mercantil segue com a constante privatização dos meios naturais e afrouxamento das legislações ambientais.

Historicamente, o sistema capitalista exclui grande parte da população ao direito à saúde. No que concerne ao saneamento básico, é preocupante as constantes tentativas e implementações de privatizações no mundo. Como exemplo, pode-se citar a Inglaterra, que após cinco anos de privatização dos serviços de saneamento, teve um aumento médio anual de 5% nas tarifas domésticas de água e esgoto, assim como houve o aumento da inadimplência e de cortes no fornecimento de água<sup>37</sup>. Outro acontecimento, que exemplifica não só a privatização de recursos naturais mas como as lutas sociais podem reverter isso, foi o ocorrido

em Cochabamba na Bolívia, onde no ano 2000, após a privatização da empresa responsável pelo abastecimento de água (pressionada pelo Banco Mundial e pelo Fundo Monetário Internacional - FMI), houve uma intensa mobilização social que resultou na reversão dessa privatização e de uma lei que considerava a exploração da água como direito privado<sup>38</sup>. No Brasil, a aprovação do novo Marco do Saneamento Básico (PL 3261/2019)<sup>39</sup> pela Câmara dos Deputados põe ainda mais em risco o saneamento básico no país, principalmente para as populações mais desfavorecidas economicamente, pois possibilita o aumento de investimento privado nessa área.

A separação do homem da natureza é outro fenômeno que marca o sistema societário ocidental desde sua origem filosófica grega e romana, em que pensadores como Platão e Aristóteles colocavam o homem, o pensamento e a pólis em um patamar superior à natureza, e com a difusão da teologia judaico-cristã romana desde a Idade Média<sup>40</sup>. Essa concepção de inferioridade da natureza e de populações tradicionais justificou em grande parte o colonialismo predatório. Marx (1986, p.65) aponta esse fenômeno a partir da separação cidade-campo, que leva a separação do homem com os meios de produção, o que seria um dos pressupostos do sistema capitalista<sup>41</sup>:

Outro pressuposto é a separação do trabalho livre das condições objetivas de sua efetivação – dos meios e do material do trabalho. Isto significa, acima de tudo, que o trabalhador deve ser separado da terra enquanto seu laboratório natural...

Marx explica a relação homem-natureza como um metabolismo social, onde a partir do trabalho o homem modifica a natureza externa e sua própria natureza interna<sup>42</sup>.

O homem vive da natureza, significa: a natureza é seu corpo, com o qual ele tem que ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é parte da natureza (Marx, 2004, p. 84).

O sistema societário capitalista prega que o produtivismo e o consumismo, a liberdade individual de cada pessoa, dentro de um mercado competitivo e a garantia da propriedade privada, mesmo que garantida de forma totalmente desigual e não atingindo a todos, levaria ao desenvolvimento. Porém, em decorrência desses fatores, as injustiças sociais, violência e degradação ambiental só aumentam, e os poucos que realmente têm interesse na manutenção dessa ideologia, continuam lucrando no decorrer desse desastre social<sup>16</sup>.

Estratégias para possibilitar uma maior sustentabilidade e equidade no atual cenário global estão sendo desenvolvidas, como a Agenda 2030 com seus 17 ODS, porém essas estratégias são em nome de um “desenvolvimento” que não transforma as bases dos problemas a serem combatidos. Há décadas são estipulados planos de desenvolvimento que buscam principalmente mitigar a miséria no mundo e trazer países ditos subdesenvolvidos ao mesmo tipo de desenvolvimento de países que, em grande parte, impuseram suas motivações colonialistas há tempos, invadindo e destruindo povos e culturas, e que continuam não levando em consideração características e modos de vidas locais de outros povos ao imporem um desenvolvimento que reproduz uma forma de vida insustentável, caracterizada por um crescimento econômico em detrimento da qualidade de vida social e ambiental<sup>16</sup>.

O projeto de desenvolvimento neoliberal proposto pelos ODS é particularmente visível no ODS 17, que trata dos meios para implementação dos outros objetivos. No Objetivo 17, há um compromisso registrado com o comércio universal, baseado na agenda da Organização Mundial do Comércio (OMC). Dentre os acordos da OMC, há o Acordo Geral sobre o Comércio de Serviços (GATS), que diminui as barreiras legais para a privatização de serviços fundamentais como de saúde, educação e acesso a água. Em vários outros pontos dos ODS é possível notar esse desenvolvimento fundamentado no crescimento econômico, sem concretas garantias de redistribuição de renda e de direitos fundamentais<sup>43</sup>.

A Agenda 2030 foi adotada por todas os Estados membros da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, substituindo os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio que em 15 anos logrou alguns importantes avanços como a queda da extrema pobreza no mundo e a paridade de gênero no ensino primário, porém vários problemas persistem. Milhões de pessoas no mundo ainda passem fome, a desigualdade de gênero ainda é grande e no campo ambiental houve até mesmo retrocessos, como o aumento da escassez de água e de mais de 50% das emissões de dióxido de carbono globalmente<sup>44</sup>.

Na América Latina houveram os primeiros movimentos de contestação do desenvolvimento convencional, como o estruturalismo e a teoria da dependência, mas sem propostas contundentes para a sua superação. O bem viver, que é uma filosofia de vida em construção baseado nas formas de organização social ameríndia, surge como uma alternativa ao desenvolvimento neoliberal. Esse termo já se encontra nas constituições da Bolívia e do Equador, esse último país inovou também ao explicitar o direito da natureza em sua constituição.

O bem viver, ao propor a vida em comunidade e em comunhão com a natureza, se contrapõe sobremaneira ao sistema social vigente. A concepção de que todos os seres são sujeitos nas relações sociais, e não objetos de posse ou de descarte, mesmo os seres não vivos, muda também a concepção dos resíduos que são continuamente gerados e que passam a ser vistos não como “lixo” ou “descarte”, mas como resíduos com algum tipo de valor, seja para a reciclagem, a reutilização ou para alguma outra aplicação dentro das ações do 7 Rs presentes na GISRS, por exemplo.

A perspectiva de valorização dos resíduos reflete uma valorização também da natureza, pois é dela que se originam os resíduos (sempre considerando o ser humano e outros seres como parte da natureza) e é para ela que esses resíduos voltarão, trazendo o sentido de unificação presente em tudo. A concepção de ciclo fechado como base para o saneamento converge de várias formas para o bem viver, como por ser uma busca de reprodução dos ciclos da natureza e por ser uma atividade comunitária, de corresponsabilidades. O tratamento local dos resíduos nos remete a valorização do território, que é onde uma população vive e reproduz sua cultura, suas crenças, sua forma de viver, e que como foi relatado neste trabalho, é motivo de constantes lutas pelos indígenas de várias etnias, luta que perdura dos tempos remotos da colonização até hoje. Um território de todos e para todos é o que se almeja no bem viver.

Além de uma sociedade e um ambiente equilibrado, foi possível perceber que as práticas de bem viver podem causar uma satisfação pessoal e até mesmo em nível espiritual pela vivência em comunidade, o senso de responsabilidade e utilidade na organização social e pelo contato com a natureza, entre outros motivos. Em uma sociedade que vem a cada dia adoecendo mais fisicamente e mentalmente pelos maus hábitos de consumo, pelo isolamento social, pelo desequilíbrio ambiental, e por tantas outras causas decorrentes da organização socioeconômica em que vivemos, fica claro os inúmeros benefícios que o bem viver pode trazer a sociedade.

Um dos desafios que se almeja superar é a persistência cultural de preconceitos como o machismo, homofobia, racismo, etc. Mesmo em ambientes como o do mutirão do bem viver, onde foi deixado claro que não se toleraria tais situações, as atividades foram prejudicadas por uma atitude de machismo. Isso demonstra que a transformação almejada pelo bem viver passa não só por mudanças de atitudes e práticas, mas também uma profunda mudança cultural baseada primeiramente no respeito, por tudo e todos.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dentro da vivência e entrevistas feitas foi possível perceber e analisar como o saneamento ecológico é uma ferramenta essencial para a busca do Bem Viver. Primeiramente porque o saneamento ecológico consegue valorizar as potencialidades do território, ele trabalha com os recursos dentro do local. A própria presença de pessoas pode ser uma fonte de nutrientes, já que há transformação da matéria. A segunda questão é que para a prática do saneamento ecológico é necessária uma observação crítica das práticas de consumo, formas de subsistência, além da maior percepção dos reais impactos de nossa forma de vida no meio ambiente.

No que se refere aos movimentos sociais, a difusão do saneamento ecológico ganha com a organização social, com a compreensão das necessidades de se adotar a prática e com o engajamento comunitário necessário para efetivação da tecnologia. Nesse contexto, há um ganho mútuo já que o saneamento ecológico é baseado em tecnologias sociais com baixo custo, fácil manutenção e independência.

Dentro da experiência vivida por nós, algumas questões ainda nos deixaram inquietas, como se realmente as mudanças feitas no território indígena foram incorporadas ao dia a dia dos moradores do local.

## REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (BR). Manual de Saneamento. Brasília: Fundação Nacional de Saúde; 2004. 3. ed. revisada [acesso em 11 out 2019]. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual\\_saneamento\\_3ed\\_rev\\_p1.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_saneamento_3ed_rev_p1.pdf)
2. Buss PM, Pellegrini Filho A. A Saúde e seus Determinantes Sociais. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva* 2007; 17(1):77-93.
3. Folha de S. Paulo [homepage na internet]. Em cinco anos, doenças por falta de saneamento custam R\$ 1 bi ao SUS [acesso em 06 nov 2019]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/10/em-cinco-anos-doencas-por-falta-de-saneamento-custam-r-1-bi-ao-sus.shtml>
4. Alcantara LCS, Sampaio CAC. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? *Desenvolv. Meio Ambiente* 2017 abr; 40:231-251.
5. Fonseca AR. Tecnologias sociais e ecológicas aplicadas ao tratamento de esgotos no Brasil. Rio de Janeiro. Dissertação [Mestrado em Saúde Pública] - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz; 2008
6. Craig A. Overcoming expertocracy through sustainable development: the case of wastewater. 16th IAPS Conference .21st century: Cities, social life and sustainable development. Paris. 2000 jul.
7. Ersey SA, Anderson I. Saneamento ecológico: fechando um ciclo. *Revista de Agricultura Urbana* 2015; 3.
8. Brasil. LEI Nº 11.445, DE 5 DE JANEIRO DE 2007. Diretrizes nacionais para o saneamento básico (jan 2007).
9. Souza C, Costa A. et al.. Saneamento: promoção da saúde, qualidade de vida e sustentabilidade ambiental. / — Rio de Janeiro :Editora FIOCRUZ, 2015. 140 p. : il. ; mapas (Coleção Temas em Saúde) ISBN: 978-85-7541-470-5
10. Santos S. Famílias Negras, Desigualdades, Saúde e Saneamento Básico no Brasil. *Rev Tempus Actas Saúde Col.* 2013 set; volume 7: 41-53.
11. Ministério da Saúde (BR). Glossário temático: promoção da saúde. Brasília: Secretaria de Vigilância em Saúde; 2012. 1. ed.

12. Sahoo KC; Hulland KRS; Caruso BA; Swain R; Freeman MC; Panigrahi P et al. Sanitation-related psychosocial stress: A grounded theory study of women across the life-course in Odisha, India. *Social Science & Medicine* 139 (2015) 80e89, jun 2015
13. Silva BB. As relações de gênero e o saneamento: um estudo de caso envolvendo três comunidades rurais brasileiras. Belo Horizonte. Dissertação [Mestrado em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos] - Universidade Federal de Minas Gerais; 2017
14. Von Sperling, M. Princípios do Tratamento Biológico de Águas Residuárias- Vol.1- Introdução à Qualidade das Águas e ao Tratamento de Esgotos. 3 Edição. Editora UFMG- Belo Horizonte, 2005.
15. Cohim F. Do saneamento tradicional ao saneamento ecológico: a necessidade de construir uma dimensão sócio-cultural [CD-ROM]. In: Anais da Conferência Internacional em Saneamento Sustentável: Segurança alimentar e hídrica para a América Latina; 2007; Fortaleza, Brasil. Fortaleza: Ecosanlac; 2007.
16. Brasil, LEI Nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, Política Nacional de Resíduos Sólidos (ago 2010)
17. Acosta A. O Bem Viver. Uma Oportunidade Para Imaginar Outros Mundos. Editora Elefante; 2010 [acesso em 11 out 2019]. Disponível em: <https://rosaluxspba.org/wp-content/uploads/2017/06/Bemviver.pdf>
18. Plataforma Agenda 2030 [homepage na internet]. Plataforma Agenda 2030 - Acelerando as transformações para a Agenda 2030 no Brasil [acesso em 11 out 2019]. Disponível em: <http://www.agenda2030.com.br/>
19. Paes WM; Crispim MC; Dutra GD. Uso de tecnologias ecológicas de saneamento básico para solução de conflitos socioambientais. *Gaia Scientia* (2014) Volume 8 (1): 226-247 (out 2014);
20. Santos M. O papel ativo da geografia: um manifesto. *Revista Território*. 2000; n. 9: 103-109.
21. Holmgren D. Permacultura - Princípios e caminhos além da sustentabilidade. Porto Alegre: Via Sapiens; 2013
22. Ferreira Neto DN. Caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil. Piracicaba. Dissertação [Mestrado em Ecologia Aplicada]- Universidade de São Paulo; 2017.
23. Gohn MG. Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. 3.ed. São Paulo: Loyola; 2002.

24. Schwartz MS, Schwartz CG. Problems in participant observation. *Amer J Sociol* 1955; 60:343-54.
25. Minayo MCS. O desafio do conhecimento - Pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec; 2006.
26. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.
27. Zero Waste International Alliance [homepage na internet]. Zero Waste Definition [acesso em 11 out 2019]. Disponível em <http://zwia.org/zero-waste-definition/>
28. Brasil. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Política Nacional de Resíduos Sólidos.
29. Schiedeck G; Schwengber JE; Gonçalves MM; Schiavon GA; Cardoso JH. Minhocário campeiro de baixo custo para a agricultura familiar. Comunicado Técnico. Dezembro, 2007 Pelotas, RS: versão online
30. Santana AT. Estudo da qualidade de água para consumo humano em assentamentos de Teodoro Sampaio- SP. Presidente Prudente. Dissertação [Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional]- Universidade do Oeste Paulista, 2014.
31. Pliz SS; Sattler MA. Banheiros compostáveis: uma solução mais sustentável evitando a geração de águas negras. Congresso brasileiro de ciência e tecnologia em resíduos e desenvolvimento sustentável. Costão do Santinho – Florianópolis – Santa Catarina (3815- 3825), 2004.
32. FAMA 2018- Fórum alternativo mundial da água. Manifesto do FAMA (acesso em 3 de agosto de 2019). Disponível em: <http://fama2018.org/>
33. Paviani A [org]. Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2010.
34. APIA- Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (2019) (acesso em 4 de agosto de 2019). Disponível em: <http://apib.info/apib/>
35. MTST Planaltina (acesso em 7 de agosto de 2019). Disponível em: <https://mtstplanaltinadf.wixsite.com/mutirao/doi>
36. O'Connor J. ¿Es posible el Capitalismo sostenible?. *Papeles de Población* 2000 abr/jun; 24:9-35.
37. Ministério da Planejamento, Orçamento e Gestão (BR). A Experiência Britânica de Privatização do Setor Saneamento. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; 2000 [acesso em 11 out 2019]. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2373/1/TD\\_701.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2373/1/TD_701.pdf)
38. Drumond N. A guerra da água na Bolívia: a luta do movimento popular contra a privatização de um recurso natural. *Revista NERA* 2015; 28:186-205.

39. Câmara dos Deputados [homepage na internet]. Projeto de Lei 3261/2019 [acesso em 11 out 2019]. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2207613>
40. Naves JGP, Bernardes MBJ. A relação histórica homem/natureza e sua importância no enfrentamento da questão ambiental. Geosul 2014 jan./jun; 29:7-26.
41. Marx K. Formações Econômicas Pré-Capitalistas. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra; 1986.
42. Marx K. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo; 2004.
43. Weber H. Politics of ‘Leaving No One Behind’: Contesting the 2030 Sustainable Development Goals Agenda. Journal Globalizations 2017 jan; 14:399-414
44. United Nations. The Millennium Development Goals Report 2015. New York: United Nations; 2015 [acesso em 11 out 2019]. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/07/MDG-2015-June-25.pdf>



## **APÊNDICE**



## Apêndice 1 - TCLE

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Prezado(a) \_\_\_\_\_, te convidamos a participar da pesquisa: “**A promoção do saneamento ecológico na prática do Bem Viver**” que tem por objetivo compreender como o saneamento ecológico pode contribuir na construção do Bem Viver na prática dos movimentos sociais. Essa pesquisa será realizada com participantes do mutirão do Bem Viver ocorrido no território indígena do Recanto dos Encantados, em Sobradinho, Distrito Federal, entre dezembro de 2018 e janeiro de 2019 e na Jornada em Defesa da Água, em março de 2019. Não participarão da pesquisa pessoas, que não participaram destas atividades e menores de 18 anos. Sua participação no estudo consistirá em responder uma entrevista semiestruturada sobre as práticas de bem viver e saneamento ecológico vivenciadas. A entrevista terá uma duração de mais ou menos 30 minutos. Os riscos com essa pesquisa são mínimos, sendo que o(a) Sr(a). pode se sentir desconfortável em responder alguma pergunta, entretanto o(a) Sr(a). tem a liberdade de não responder ou interromper a entrevista em qualquer momento. O(a) Sr(a). tem a liberdade de não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, mesmo após o início da entrevista, sem qualquer prejuízo. Está assegurada a garantia do sigilo das suas informações. O(a) Sr(a). não terá nenhuma despesa e não há compensação financeira relacionada à sua participação na pesquisa. Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, o(a) Sr(a). poderá entrar em contato com as responsáveis pelo estudo, ou com a orientadora:

- Amandda Carolline Cavalcante, telefone: 61-982183026, e-mail: amanddacarol@gmail.com

- Flávia Santana Lima, telefone: 61-981945375, e-mail: flavia.slima01@gmail.com

- Tatiana Oliveira Novais (Orientadora, Tecnologista em Saúde Pública da Fiocruz Brasília), telefone: 61-983166006, e-mail: tatinovais@gmail.com

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Fiocruz Brasília, também poderá ser consultado caso haja alguma consideração ou dúvida sobre a ÉTICA da pesquisa pelo telefone (61) 3329-4607 / 3329-4638 ou pelo e-mail cepbrasil@fiocruz.br, endereço Avenida L3 Norte, s/n, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Gleba A . **Sua participação é importante, voluntária e vai gerar informações que serão úteis para a compreensão sobre as práticas comunitárias na perspectiva do Bem Viver e do saneamento ecológico.** Ao final desta

pesquisa, será encaminhada uma cópia dos resultados às pessoas entrevistadas e à coordenação do Mutirão do Bem Viver e da Jornada em Defesa da Água.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou foi lido para mim, sobre a pesquisa: "**A promoção do saneamento ecológico na prática do Bem Viver**". Ficaram claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos, garantias de sigilo, de esclarecimentos permanentes e isenção de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Este termo será assinado em duas vias, pelo senhor (a) e pelo responsável pela pesquisa, ficando uma via em seu poder.

---

Assinatura do entrevistado(a)

---

Flávia Santana Lima  
(Pesquisadora responsável)

---

Amandda Caroline Cavalcante (Pesquisadora)

---

Tatiana Oliveira Novais (Orientadora)

## Apêndice 2- Integra das entrevistas

### Entrevistado 1

E1: E aí é isso, assim, pensa: alegando uma necessidade de transição energética está produzindo uma grande usina solar, que tem um impacto imenso, que mantém a propriedade da terra, que mantém a renda concentrada e que ela em si por ter um método de massa, ela não é ecológica no sentido que a gente defende mesmo, realmente uma integração entre humanidade e natureza. Pensa, aquelas usinas solares projetam luz e calor constantemente para um espelho central e aquilo ali atrai os pássaros e eles são fritos naquela luz, então aquilo é super danoso para fauna local, então desequilibra os ecossistemas da mesma forma, e aí as experiências que tem disso no oceano, no deserto, nos EUA tem muito né, no norte da Califórnia, são todas assim, eles exterminam a fauna de aves locais, e isso não pode ser aceito, mas isso por quê? Porque pra eles é muito difícil pensar um modelo de transição, em qualquer setor econômico, que não seja a partir da concentração de renda, o capitalismo funciona assim, então não tem coisa mais revolucionária do que você defender realmente o fim da exploração, o fim da propriedade do conhecimento, da propriedade dos meios de produção, a partir de uma lógica de sustentabilidade, de acabar com a exploração e destruição do planeta num contexto comunitário, que combine várias ações de pequena escala numa imensa escala que transforma o mundo. Não dá pra gente falar que quer realmente derrotar o sistema mais totalizador, mais destrutivo que a humanidade já inventou se a gente seguir dependendo da infraestrutura que ele provê, então a gente pensar em soluções comunitárias ali de produção de energia, de produção alimentar, de tratamento de esgoto, geração de emprego e renda, de convivência cultural inclusive, porque a indústria cultural é importante pra hegemonia nesse sistema, a gente consegue pensar realmente aí sim em outros paradigmas, e o bem viver dialoga muito com isso. Enfim, estou muito feliz com esse projeto de vocês e é uma coisa assim, o valor de uso, né? Porque a academia por vezes peca em vários aspectos, primeiro ignorando a produção de conhecimento dos povos originários, das populações tradicionais, as pessoas que estão na ponta do capitalismo, na periferia do capitalismo, ou as vezes até leva isso em consideração, mas não referencia quem produziu esse conhecimento, ou as vezes leva isso em consideração e até cita a fonte, cita de onde veio, mas usa aquilo pra defender uma manutenção do sistema, manutenção de um meio de vida que na sua essência e forma hegemônica nega a existência daquele povo. Então a gente vê isso quando grandes chefes, renomados da alta gastronomia, vão lá nos territórios tradicionais pra validar ali, pra dizer que são conscientes, mas pra levar um tipo de negócio que é do capitalismo, e que no final das contas está destruindo o próprio povo daquela comunidade,

enfim, tem muita contradição e é muito massa quando a academia conseguem pensar em uma forma de produção que tenha uso mesmo, acho que é por isso que o resto do país paga impostos para manter esses espaços mesmo, pra devolver né? Devolver para a sociedade. E nós precisamos muito de números, de indicadores, de comparativos, entre uma bacia de evapotranspiração e um vaso sem duplo acionamento, e um vaso com duplo acionamento, e o banheiro seco, precisamos muito dessas coisas sabe, então tem gente que está começando a dar um gás nisso porque as pessoas têm um fator cultural, fator estético e tem as vezes uma dúvida econômica mesmo, qual que é mais viável, qual que é mais durável. A gente não tem essas dúvidas, mas as pessoas têm, então é um problema não ter dado técnico, não é? Então o trabalho de vocês é fundamental.

Estávamos querendo muito que tivéssemos sistematizado nossas casas de bioconstrução. A ideia era ter feito isso em Planaltina, mas não conseguimos, mas quanto custa, quanto tempo, quanta gente requer para fazer uma casa de bioconstrução de 35 m<sup>2</sup>?

Orientadora: Já terminou de fazer as casas?

E1: Nada foi como a gente planejou. Então todas são de certa forma híbrida, misturam construção convencional. A casa que está mais próxima é a do Zé Mario, que é a casa que a gente leva a galera para visitar normalmente, e lá é a que está mais perto, tem bacia de evapotranspiração, tem mais paredes de adobe, estava querendo colocar uma captação da água da chuva lá, mas o nosso sonho era fazer 65 casas que captam água da chuva, que tratam o próprio esgoto, que tratam a própria água cinza com bacia de biorremediação.

(Indicação para entrevistas)

A E3 está cada dia mais se empolgando com a formulação, está cada dia mais politizada, e tudo, então é um processo, e é uma politização diferente a luta indígena. Não adianta a gente olhar pelos mesmos parâmetros que não é a mesma coisa. E é super intensante, super fundamentada numa prática que não necessariamente a gente consegue ter um engajamento tão grande com o jeito acadêmico de se relacionar, mas é um jeito de viver. Mas a E3 teria um papel fundamental.

Amandda: Thiago, a gente estava escrevendo sobre o histórico do mutirão do Bem Viver, que teve uma articulação no Fama, e eu lembro que o grupo começou a se formar também na bioconstrução do Sol Nascente...

E1: Na verdade foi isso, a origem foi lá. Quando eu voltei do caminho de Santiago, naquela época, eu falei olha, a gente não pode mais ficar adiando. Eu sempre fiquei (?) em movimento

social, e eu ficava fazendo mediação, primeiro a gente luta só por moradia, ou primeiro a gente luta por tal coisa e depois luta pelo resto. Sempre pautas e projetos específicos, e depois a gente começou a fazer uma busca por uma luta na sua totalidade mesmo, então trazer todas as lutas, nossos princípios, valores, estratégias, e aí esse debate do bem viver se intensificou mais. O bem viver, a partir do eco socialismo, na forma que a gente vê, é o que tem de mais totalizador no sentido de que finalmente é uma metanarrativa que pode se contrapor ao fim da história, depois ali da queda do muro de Berlim, e a hegemonia do capitalismo ali sem nem um tipo de barreira né? Então naquela época a gente estava com um problema, já que iam assentar 109 famílias no Sol Nascente, elas tinham direito à moradia, com casa inclusive, terreno, mas elas iam ganhar só o terreno e tinham um prazo para construir. O governo coloca esse prazo para construir, o conceito dele, de a pessoa não poder ficar com esse lote ocioso é razoável, mas se não aplica isso ao contexto de vulnerabilidade social, de desigualdade eles tornam opressor, então coloca uma família que não tem um real para ocupar um lote com a obrigação de construir se não ela perde o lote e nunca mas pode entrar num cadastro de déficit habitacional, por exemplo. Então é meio que uma armadilha. E enfim, as famílias, numa avaliação de que não conseguiriam mais nada do governo, elas tinham razão, porque o governo deu aquilo, deu nada, foi uma conquista, e depois não tiveram praticamente nenhuma outra vitória, no movimento, e aí as famílias tinham que pensar numa solução, e aí eu fiquei insistindo muito, eu falei olha, a gente poderia fazer casas de bioconstrução. E as famílias tinham a barreira cultural, eles não queriam, sonhavam com uma casa como elas vêm em outros lugares, e aí eu insistia muito, eu falei olha, bioconstrução vai trazer para perto de vocês todo um novo setor, uma nova construção social que pode colocar o movimento em outro patamar. E a galera ainda não entendia muito porque tinha sempre aquela ideia, isso acontece mesmo assim entre lutadores né? Uma galera que é da esquerda tradicional, e o MTST é de uma esquerda tradicional, que é muito boa para diagnosticar os problemas do mundo e tal, mas são poucos os grupos ou movimentos que efetivamente agem no cotidiano para fazer algo, o MTST é um deles. Mas normalmente não tem muito aquele apego de mão na massa todo dia, mudar hábitos individuais, sempre pensa que é uma coisa sistêmica e que a gente pode carregar nossas contradições o tempo que for necessário, porque a gente é periferia, a gente é excluído e tal então tem que relevar. E do outro lado, como a parte do movimento ambiental, não dá nem para dizer que é socioambiental, que é profundamente liberal e elitista, que reproduz ali um nicho de vida perfeita na sua bolhazinha, mas não se importa com o resto do mundo, tem até rejeição ao resto do mundo, fala que não pode politizar as coisas, fala que não existe nem esquerda nem direita,

que o capitalismo não é o problema, mas a partir do lugar que se está ne, porque a cabeça pensa onde o pé pisa né? Se a pessoa só vive aquela realidade ela (?). Então tem aquela rejeição, a esquerda rejeita o movimento ambiental por achar que é despolitizado, e não está conectado com uma perspectiva de totalidade e o movimento rejeita a esquerda pelas práticas viciadas, pela política predatória, pela contradição de não viver o que diz, de as vezes faltar confiança, então a nossa proposta era fazer uma síntese entre tudo isso, uma atuação cotidiana que dê exemplo, que seja enraizada territorialmente, que tenha realmente uma mão na massa, trabalho de formiguinha que a gente diz e que não ignorasse a perspectiva sistêmica e a necessidade de ruptura com a sociedade como a gente vive hoje, e ai vem o eco socialismo como um caminho para o bem viver, e isso não só alavancou o MTST mas alavancou toda uma construção aqui no DF que caraca, o que a gente fez nesses dois anos foi impressionante.

Orientadora: Qual a referência que vocês usam de eco socialismo? Tem algum autor ou vocês estão construindo essa referência?

E1: O eco socialismo vem de três estágios, a gente se reivindica um socialismo de terceiro estágio. A Sabrina tem muitos vídeos sobre isso, é bem interessante. E as formulações que a gente faz aqui, ainda não vimos muito sistematizada na produção editorial, mas a Sabrina vai escrever um livro. Mas tem muitas referências boas, tem o Michael Lowi, tem o Jonh (?), as referências maiores do eco socialismo ainda são europeias e isso não seria em si um problema, mas isso traz também uma formulação teórica que é complicada, não é só o fato de ser europeia. Então a gente pensa muito em construir uma epistemologia a partir do global, que seja de ruptura e traga esses conceitos transformadores, então pra gente é isso, um eco socialismo nessa perspectiva do terceiro estágio que realmente pense novas forma de produção e reprodução da vida, que conecte a gente com sujeitos que estão construindo o território mesmo, que não pense uma ideia de desenvolvimento, uma ideia de produção que ignore o desastre ambiental planetário, porque isso é uma questão de ordem mesmo, estamos diante de um possível colapso ambiental que pode colocar em risco a vida na terra e não existe materialidade né? Porque tem gente da esquerda que o movimento sócio ambiental é idealista e que não está conectado com o que a classe trabalhadora quer é precisa, mas é o oposto. Quem é que paga a conta pelo desastre ambiental? É aquilo que a gente viu lá, quem é que fica sem casa numa enchente, que fica sem água primeiro, que come comida envenenada, que no final das contas corre risco que em sua casa desabe um barranco em cima, que em onda de calor sofre mais porque não tem ar condicionado, que em onda de frio sofre mais porque na casa não tem conforto térmico, que não tem mobilidade, que é sujeito a poluição de todos os tipos, quem utiliza alimento, vestuário,

objetos gerais com mais plásticos que tem Bisfenol A? Então no final das contas é o povo mais pobre que está mais suscetível a isso, sempre foi, e aí não adianta falar de luta de classes ignorando que o planeta está morrendo e levando consigo as pessoas e primeiramente as pessoas mais pobres, então é por aí que a gente vai.

Orientadora: Não satisfeito vai pra Colômbia, reforçar as lutas lá também...

E1: É, isso é uma coisa bem interessante assim, a gente fala muito do internacionalismo, se a gente falar que luta aqui contra o colonialismo que massacra os povos indígenas, que nega as raízes ancestrais, a luta quilombola, nega o nosso passado escravagista também, e a gente ignorar que nesse momento existe uma ocupação militar colonial na Palestina, por exemplo, por Israel, é uma contradição, né? Ou a gente ignorar também outros aspectos, por que se a gente pensa só na luta ambiental na perspectiva liberal, a gente estava discutindo no Fórum Mundial da Água, que a Noruega tem uma empresa de mineração chamada Hidro, então o país mais sustentável do mundo estava derramando naquele momento bauxita na floresta amazônica e no maior aquífero do mundo, e reclamando do governo Bolsonaro inclusive, naquela época era o governo Temer, mas eles já reclamavam, teve todo aquele negócio do Fundo Amazônia, desde então né? É uma contradição muito grande. Se você pensar que os países centrais ali conseguem sustentar seu modelo de bem-estar social, mesmo ele já estando quase ruindo, a partir da exploração do resto do mundo. É curioso, tem muitos debates muito interessantes para fazer sobre isso. Mas no fundo é isso, nós não conseguimos acabar com a destruição ambiental sem acabar com a exploração, sem acabar com as opressões de gênero, de raça, de nacionalidade, de sexualidade, tem que acabar com todas elas e essas coisas estão interligadas, o capitalismo, com o patriarcado, com o colonialismo, com uma ideia de antropocentrismo, de que o ser humano também é dono de tudo e pode fazer o que quiser, isso vai da sua relação com a alimentação, mas isso vai também as sua relação com a natureza. Pensar que é possível um grande fazendeiro, coronel histórico do estado de Goiás, que se elege governador, querer construir hidrelétricas onde vai extinguir uma espécie de peixe, e para ele tudo bem, é uma visão antropocêntrica.

Tati: Pois é E1, eu fico feliz que você está animado, ainda mais nesse contexto nebuloso que a gente está passando, né?

E1: Eu tenho falado igual uma vitrola arranhada que se eu só soubesse o que está acontecendo e não tivesse um plano, uma estratégia de longo prazo, eu estava doente. Mas é ação prática que traz para gente o entusiasmo. Em 2009 eu estava com o Plínio de Arruda Sampaio, em Brasília,

e a gente estava almoçando e eu estava perguntando para ele da ditadura militar, e ele falou assim: sobreviver em tempos de autoritarismo é muito difícil, mas tem uma receita, é você não se vender, não aceitar aquilo como natural, não se deixar esmagar, não se deixar destruir e ter pequenas vitórias, que essas pequenas vitórias mantêm a chama acesa. E eu carreguei isso para sempre, mas agora, muitos anos depois, eu agregaria a essas estratégias estar construindo coisas dentro de uma estratégia interligada de longo prazo e coletiva, porque ai a gente vê que as pequenas vitórias valem muito mais, ou é um passinho para uma grande vitória final. Por isso que a gente está feliz da vida, porque as coisas vêm, acontecem, são duras, mas a gente a cada dia avança um pouquinho mais e a gente vê que as pessoas estão a cada dia mais aceitando o que a gente está colocando, nós queremos construir uma nova maioria social, então é necessário isso. O pessoal acha bonito o que a gente faz, admira né? Então acredito que estamos conseguindo colocar isso, não é uma esquerda carrancuda, insensível, autoritária, opressora, é gente que a galera vê que está feliz, que está tentando transformar o mundo e sendo feliz até lá, isso estimula a ação e as pessoas a se engajarem. A gente vê a esquerda inteira batendo cabeça sobre como é que faz, que resiste, e as coisas que a gente faz todas lotam, todas enchem, e na nossa avaliação é isso, é uma teoria revolucionária que a gente acredita estar certa pra esse momento histórico, mas é principalmente a prática, isso que gera relação de confiança com as pessoas, a gente vive o que a gente diz, tem dado certo! Pode ser que em outro momento não dê, e vamos ter que reavaliar, mas até então tem funcionado.

Orientadora: Tem momentos de formação também, não é? Acho que isso nutre bastante, essas trocas que vocês têm feito.

E1: Todo mês.

Orientadora: Todo mês? Mas dentro do subverta?

E1: Arram. E é uma formação de saberes e fazeres.

Orientadora: E tem também celebração?

E1: (Fala da sua festa de aniversário e férias). No domingo de manhã tem as comunidades agroecológicas do bem viver, que é a entrega de cestas, a partilha, no Centro de Economia Solidária (Setor Comercial Norte), todo domingo de manhã. O mutirão é uma vez por mês, todos os outros domingos são as entregas, com feira, então estão os agricultores da reforma agrária.

Indicação para banca: Sabrina. Amandda lê as perguntas da entrevista para validação.

E1: E uma coisa que a gente quer fazer é aumentar publicações, então seria bom publicar o trabalho de vocês. A gente está querendo montar uma editora popular para produzir e publicar com papel reciclado e impressão ecológica.

Orientadora: Tem que formar a nossa igreja agora! (risos) Espiritualidade, porque isso dá muito sentido de pertencimento nas pessoas

E1: Cada vez mais tem aparecido pastores, aquele ato inter-religioso no FAMA foi uma coisa maravilhosa. (conversa sobre as entrevistas) Três bacias para lavar louça: não sei de onde tinha tirado, que a lavagem de um copo dedicava 100 ml para lavar, e aí a gente ficava calculando, pois em cada bacia utilizávamos 10 litros de água, e colocava só uma bacia por turno, se eu não me engano tínhamos chegado em torno de 35 ml, reduziu dois terços, e mesmo assim achava muito, seria se investigassem essas coisas algum dia. (Amanda diz que acha que o Pamplona já fez isso).

## Entrevista E2

Esse trabalho foi basicamente observar mais as questões com relação ao saneamento dentro do mutirão e da Jornada em Defesa das águas. Aí, dentro desse contexto, a gente elaborou algumas perguntas. Primeiro a gente queria saber como foi a sua atuação no mutirão do Recanto dos Encantados e na Jornada, se você participou?

Na Jornada eu não participei, né, alguns dos lugares que vocês visitaram eu conheço, acompanho e tal, que é o caso do assentamento Nova Petrópolis, mas da Jornada em si, eu não participei. Eu estava em outra atividade no momento. Mas eu participo do grupo do Bem Viver, né, sou parte do Subverta. E no Recanto dos Encantados eu participei com arquiteta, né. Na verdade, esse movimento todo do Subverta surgiu a partir de atividades que a gente já desenvolvia coletivamente e a gente se organizou, né. E lá no Recanto, então, eu fui chamada pelo Entrevistado 1 (E1), justamente por a gente já ter tido essa experiência em Nova Petrópolis com bioconstrução e tal. E, bom, a gente, primeira coisa que a gente teve lá foi, enfim, conhecer o lugar, conhecer as demandas e tal, o grupo. O espaço lá que estava em uma situação de muita precariedade, né. Eles usavam a água do rio, não tinha caixa de água, não tinha instalação. Assim, na verdade já existia até o hidrômetro, mas a água estava cortada. A parte de instalação elétrica também estava muito ruim. Então a gente entrou ajudando bastante nessa parte de infraestrutura do que já existe e desenvolvemos um projeto para ocupação da área, né. Então a proposta lá era trabalhar uma agrofloresta, a ocupação de uma área que seria uma oca grande para receber atividades coletivas e várias ocas menores, né, para moradia mesmo de alguns indígenas que viveriam... na verdade alguns já vivem, mas outros iriam para lá. Então tem essa área que é para implantação, esse trecho, para implantação de atividades novas. Também tinha previsão de horta e tudo mais, mas já existe uma casa, né. Lá, assim, era um terreno, é um terreno que era já delimitado para eles, só que teve uma ocupação lá, o próprio vigia da Funai ocupou e construiu uma igreja. E aí teve a retomada e tal, e a edificação ficou lá e então eles vivem nessa casa, vamos dizer mais ou menos assim, né. Era uma parte de salãozinho para a igreja e tinha uns cômodos para dormitório e tal. E eles vivem lá, só que tava, é uma situação bastante

precária. Assim, estruturalmente, então a gente fez uma série de melhorias, do ponto de vista da estrutura, das instalações elétricas, né, hidráulicas. Então a gente tirou o abastecimento lá do rio, apesar de a gente saber que eles continuam usando, mas a gente construiu uma caixa de água de bambu, até o aluno que tá ali foi o Bambuzeiro. Montou, né, a estrutura da caixa de água para poder realmente abastecer pela água da Caesb. Daí a gente tinha uma mobilização de doação, então a gente pagou, foi pago uma dívida que já existia de água para poder religar. E agora, assim, não sei como é que eles estão se virando. Porque, assim, né, a maioria não tem renda, né. Inclusive tem estudante da UnB que mora lá e tal, indígena, né. Bom aí eles estão, bom, a gente fez essa instalação da caixa de água e trocou a ligação entre a caixa de água e o hidrômetro até os pontos de água. E da parte de esgoto, a ideia era construir uma fossa, mas foram construídos banheiros secos que foram utilizados durante o mutirão, não sei se eles ainda estão sendo utilizados. E foram feitos ajustes no banheiro que já existia, né, mas assim, o vaso lá vai para um buraco, então continuou-se em uma situação precária. A ideia era fazer a bacia, né. E é isso, aí tem, foi feito também um ciclo de bananeiras para águas cinzas. Então a parte de cozinha é jogada para esse ciclo de bananeiras, inclusive com tubulação de bambu. Então é basicamente isso que eu me lembre.

-A água cinza então da cozinha, da cozinha coletiva deles, está sendo tratada nesse ciclo de bananeiras, né?

-Sim, foi jogado para lá.

-Mas ainda tem uma fossa lá, né, pra esse banheiro?

-Não, tem uma fossa pro vaso do banheiro que tá em uma situação complicada. Eu, assim, a gente fez o acompanhamento lá mas aconteceu uma situação, não sei se vocês ficaram sabendo, né?!

-Sim a gente ficou sabendo. A gente acompanhou isso.

-Muito constrangedora, que a gente não concordava, de machismo e tal. Então a gente saiu, o grupo saiu de lá.

-Aham

-Mas deixou as benfeitorias, né. Então eu não sei te dizer qual é a situação agora. Mas até onde a gente saiu era essa, era esse o panorama, vamos dizer assim.

- A gente queria saber um pouco qual foi a sua motivação para entrar no grupo?

- Então, eu conheci o grupo nesse mutirão lá de Nova Petrópolis, né. Eu já, eu fui chamada lá pelo pessoal do movimento para ajudar nos projetos das casas porque eles receberam os lotes onde não se tinha a menor ideia de nem por onde começar, né. Então eu e uma amiga começamos a acompanhar o grupo, a desenvolver o projeto e tal. E aí, já parte daquelas pessoas que estavam ali como colaboradores, já tinham participado do mutirão do Sol Nascente, da construção da casa da Dona (nome). E aí chamaram, né. Falaram: “Vamos tentar fazer bioconstrução aqui também, né”. E aí a gente trouxe a proposta para as famílias e eles aceitaram e a gente começou a trabalhar com bioconstrução. Então, para mim mesmo, eu tinha um conhecimento teórico, eu não tinha uma vivência de, de fato, construir. Então para mim foi uma experiência bem, bem legal mesmo. Aí no caso do grupo do Bem Viver, foi as pessoas que estão lá e que foram as maiores parceiras que a gente teve, sabe? Então, assim, teve muita gente que foi no início e depois nunca mais ia, né. Então algumas das pessoas do grupo do Bem Viver foram pessoas que mantiveram e até hoje são, assim, são parceiras nesse assentamento lá. E é um grupo que eu acompanho muito diretamente, então eu criei esse vínculo com eles. E aí, quando teve o lá do Recanto, aí a gente retomou esse grupo. Na verdade o grupo continua trabalhando, eu estou meio ausente por conta do Doutorado e essas outras coisas que eu faço, mas, enfim, eles estão desenvolvendo outras atividades também.

Qual é a sua concepção de Bem Viver e o que são os territórios do Bem Viver?

Então, minha concepção, eu não sou uma estudiosa a fundo ainda da teoria do Bem Viver, mas eu acho que é como o nome diz, né, como a gente viver bem e integrado a natureza, ao que a

gente tem, no meio, para oferecer, né, com o menor impacto negativo e com o melhor impacto positivo. Então aquilo que a gente pode trazer para melhorar a condição de vida das pessoas e a relação com a natureza e tudo mais. Os territórios do Bem Viver, a proposta é que seja espaços onde o grupo se insere e, colaborativamente, né, com as pessoas que vivem naquele território, construam soluções para os problemas que eles têm, né. Então a ideia é, dentro do grupo existem pessoas que além de arquiteto, tem engenheiro, tem psicólogo, tem professor de história, enfim, tem gente que trabalha com criança, né, tem muitas especialidades. Então cada um contribuir com o que tem, ajudando a transformar aquele território positivamente. Então, basicamente, entendo que seja isso.

-Como você observa a vivência do Bem Viver na prática do mutirão e da Jornada?

-Então, o grupo lá, foi um grupo que foi muito rico, sabe, foi muito transformador aquela vivência ali, porque apesar dos pesares, dos contratemplos que nós tivemos, mas foi o momento que nós reconhecemos pessoas que têm os mesmos princípios que a gente, né. E mesmo essa decisão de sair de lá, mostrou isso, que existem princípios e que quando esses princípios são quebrados a gente não vai estar junto. Então é um grupo que realmente está ali trabalhando pelo o que acredita, né. E eu acho que essa questão da valorização da pessoa, respeitar as diferenças, de , como o Thiago fala, da não opressão, não exploração, isso a gente está falando da natureza mas a gente também está falando das pessoas, né. São princípios que eu acredito e que várias pessoas, né, então assim, eu até vejo assim, o final não foi o que a gente esperava, mas de alguma forma a gente tinha que se encontrar naquele espaço para a gente construir coisas que a gente tem construído por aí. Cada um, às vezes nos seus meios, às vezes se encontra, se separa, mas está todo mundo trabalhando com convergência de princípios, vamos dizer assim.

-Quais seriam as práticas ideias de saneamento para a prática do Bem Viver?

- Então, eu acho que é fechar o ciclo. É você tratar os resíduos de forma a virarem alimento. Que é o que a bacia de evapotranspiração, por exemplo, propõe. Você conseguir não gerar esse resíduo como resíduo, você aproveitar esse resíduo para que ele possa ser utilizado para a produção, por exemplo. Aí isso a gente está falando do esgoto do vaso, está falando de águas cinzas também. No caso, por exemplo, lá em Nova Petrópolis, a gente tem o caso da nossa casa modelo, né. Ele construiu, fez tudo de adobe, fez a bacia de evapotranspiração e está também agora com um tanque de peixe.

- Nossa, que legal!

- É, e ele mesmo que vai fazendo assim nas “tora”.

- Porque ele aprendeu também, né?

- É, algumas coisas ele aprendeu, mas ele tem um irmão que trabalha com isso. Então ele fica ligando para o irmão, o irmão fica dando as dicas e ele vai fazendo. Aí então ele montou o tanquinho e a água que alimenta o jardim dele, ele tira do tanque. Então é isso, é o ciclo da natureza. Então nada se perde, tudo vai se transformando. Acho que é isso.

- Como o saneamento pode colaborar na prática do Bem Viver?

- Eu acho que é salubridade e qualidade de vida para as pessoas, mais ou menos isso.

- Como o Bem Viver pode contribuir para o saneamento?

- Eu acho que é isso, que é entender que esses princípios incluem a dignidade da pessoa humana, que incluem a saúde mental e física. Então, todas essas soluções elas na verdade, elas estão gerando menor impacto, mas na verdade, principalmente, contribuindo com a qualidade de vida das pessoas. Então, se a gente está ajudando nisso, a gente está vivendo o Bem Viver.

### Entrevista 3

Lá a gente quando ia lavar louça, eram duas bacias de água, primeiro a gente tirava a comida, separava, tirava o grosso, o mínimo de sabão, depois passava uma segunda água, e aproveitava também para aguar, porque afinal de contas essa água, ela já vinha com um certo adubo mesmo para estar jogando nas plantas, serve tanto para adubar, para molhar, como um adubo que já vem nela por causa dos restos, porque a gente não colocava muito sabão, só o mínimo mesmo.

Tati: E o sabão era um sabão especial?

E3: O sabão ou fazíamos, ou então a gente usava esses com glicerina, mas usava o mínimo para aproveitar essa água.

E3: Não, a gente chegou a guardar o óleo, mas o plano era fazer.

Flávia: Qual foi a sua atuação no mutirão do bem viver e na jornada em defesa da água e quais suas motivações?

E3: Meu nome é \_\_\_\_ sou indígena do povo Gavião do estado do Pará, resido em Brasília desde 1974, tenho 64 anos, sou mãe, avo e sou artesã. Participo de vários movimentos sociais. Um deles foi o Fórum Alternativo da Água, onde eu participei em vários GTs como indígena, e no de agroecologia, de tudo um pouco, porque eu estava em vários GTs, mas no final eu fiquei só no GT indígena.

Tati: E qual foi sua motivação para participar no fórum e no mutirão?

E3: No fórum em defesa da água não tem como não participar porque a água é nosso bem maior, somos águas, e o pessoal que privatizar, e eu acho que nós, povos originários e não originários, todo mundo deve sim se preocupar e cuidar da água, porque queira ou não nós somos água, vivemos pela água, porque sem a água a gente nunca vai existir. E quanto ao mutirão do bem viver, o nome, para nós indígena, povos originários, a gente não tinha um nome específico para o bem viver. Bem viver para nós é viver bem, é respeitando a mãe natureza, e nossos biomas, nossas floras, e proteger a nossa terra porque dela que vem tudo, nossos alimentos, embora, como já falei, não sabendo que o nome era o bem viver, para nós o bem viver é estar plantando, colhendo nosso alimento sem agrotóxico, e respeitando a nossa mãe, que é a mãe de todos.

Flávia: Como você observa a vivência do bem viver na prática do mutirão e da jornada?

E3: O bem viver na prática, com os mutirões, é que tudo a gente faz de comum acordo, e também sempre um cuidando do outro, sempre dividindo tarefas, cuidando da nossa mãe terra. A questão da água a gente tirava os restos de comida, separava tudo e tinham até três bacias aonde a gente tirava o mais grosso numa, passava por uma segunda e finalmente por uma terceira, e essa água a gente usava para aguar as plantas e até as hortaliças, porque isso também é uma questão para ajudar na adubação das plantas e das verduras.

Flávia: Quais são as práticas de saneamento no mutirão e na jornada, que você observou?

E3: A nossa prática de saneamento no mutirão, também um cuidado que a gente teve muito e sempre vai ter, são os banheiros secos, porque aí a gente vai estar aproveitando também para fazer adubação, e temos novamente que cuidar da água e de todo o resto do saneamento, porque daí vem a saúde, vem o bem viver, porque sem saúde não tem como a gente ter o bem viver, que é o bem viver de todos.

Flávia: Quais seriam as práticas ideais de saneamento para o bem viver e como o saneamento pode colaborar na prática de bem viver?

E3: Teoria é uma coisa e prática é outra bem diferente, porque na teoria você pesquisa, pesquisa o solo, vê como está o local, e a prática é você estar convivendo, tendo cuidado com a nossa mãe terra, tendo cuidado para plantar nossos alimentos sem agrotóxicos, porque ali também é saúde. Todo esse cuidado do banheiro seco, de estar cuidando da água e da nossa mãe terra. A nossa mãe terra nos dá tudo, da vida, e para nós indígenas, nossa ancestralidade, que também vem de território, vem da terra, então a gente tem que ter carinho e o respeito sempre para com ela.

Flávia: Como o bem viver pode contribuir para o saneamento?

E3: Uma pergunta puxa a outra, né? Então a gente tem que cuidar do saneamento porque sem ele não tem o bem viver, e o bem viver vem da prática do que fazemos com o saneamento, então as duas coisas estão interligadas, para cuidar de um tem que ter o outro, porque senão não acontece o bem viver nem o saneamento, os dois estão sempre juntos.

Tati: Fala um pouquinho mais do bem viver, de onde veio esse conceito? Porque o bem viver na verdade é um conceito que vem dos povos andinos, né? Mas ele é dos povos originais, então como é que vocês abraçaram esse conceito do bem viver e da mãe terra que você fala?

E3: É como eu te falei, nós povos originários, a gente sempre praticou o bem viver, não por esse nome, mas o que é o bem viver para nós povos originários? Volto a repetir: é cuidar da terra, dos nossos anciões, das nossas crianças, respeitando a nossa ancestralidade que é a mãe terra, que é a água, porque ela é a base de tudo. E nós sempre cuidamos um do outro, esse conjunto de cuidado, um cuidando do outro, se um não tem, o outro tem e o outro passa a ter, porque é tudo dividindo, então para mim o bem viver é isso. Nós povos originários, na nossa aldeia sempre vive no bem viver, que é essa palavra, então a gente sempre vive em harmonia, com a natureza, com a nossa ancestralidade, em comunidade em todos os sentidos, porque sempre nós somos comunidade, não tem como separar comunidade e bem viver, então está tudo junto.

Tati: Você falou na ancestralidade, mas eu queria saber a questão espiritual assim, da água e da terra.

E3: A nossa ancestralidade ela é, como você diz, espiritual, e onde a gente faz nosso ritual é na terra, é na água, a gente não precisa ir para uma igreja, vamos dizer assim, porque deus existe sim, embora com outro nome, mas é um só, para nós indígenas mesmo há muitos nomes, como Niamissun, Tupã, Nhanderu, e assim vai, o grande criador, mas na verdade é um só. Então essa nossa ligação com os três pontos que a gente vê muito, o sol, que vem para nos aquecer, o vento, que toca na gente, que é o nosso ser, a água, que para nós é nosso sangue, nossa vida, o que nos sustenta, e a terra vem toda nossa sabedoria de alimentação, que a gente pisa, então sem o nosso território eu acho que não só nós, povos originários, mas como os que não são indígenas, nós não somos ninguém, porque nem que seja um cantinho, ali é seu território, e ali você pode estar fazendo de tudo. E para nós, nosso território, nossa mãe terra é a nossa mãe mesmo, mãe de todas as mães. Não tem como viver sem a água, sem o rio, sem a terra. Então a gente procurava sempre onde tinha rio, que facilitava.

Tati: E essas palavras que a gente coloca, para vocês é tudo uma coisa só, não é, no vocabulário de vocês? Que a gente fala tudo muito separado.

E3: Sim, muitas coisas separadas. Por exemplo economia solidária, por que que é economia solidária? E não deixa de ser um bem viver, de estar junto, do coletivo, daquele cuidado, isso é

solidário. Do meu cuidado com você, de você com ela, e de mim com todos, vamos dizer assim, então na prática é uma coisa só, embora com vários nomes. É como nosso dialeto, o dialeto mais antigo era o tupi, aí depois veio os troncos linguísticos, veio vários, que separou, mas no fundo é uma coisa só. Essa coisa de sistema é boa, mas ao mesmo tempo deixa muito a desejar, porque é uma troca também de saberes, entre a gente que não sabia, com esse sistema vamos dizer brutal, a gente está sempre apanhando, aprendendo, e é uma troca.

Tati: E a gente tentando aprender com vocês também né?

E3: Pois é, é uma troca. Por que uma coisa, por exemplo, esses pesquisadores que pesquisam a gente, antropólogos, uma coisa é ele estar ali sem chegar, sem estar, é muito diferente do que você ir da base, estar lá no território, estar lá com a gente conversando, o dia a dia, não tem igual. Então você vai buscar a experiência mesmo é ali. Eu falo isso porque a minha filha já fez muito trabalho para muitos universitários, que pediam trabalho, e pagava ela para fazer o trabalho, depois tirava nota e pronto. Olha que coisa! E isso existe muito ainda, então é por isso que eu falo, uma coisa é estar ali estudando e outra coisa é estar ali na base, estar junto, ficar um mês, dois meses, uma semana, a realidade é bem diferente.

Tati: E você acredita muito na potência que tem esse mutirão, os brancos com os índios...

E3: Sim! É muito legal porque eles procuram saber, interagir mesmo, porque quem vai é quem gosta e quer aprender, porque quem não gosta, não quer aprender e não quer viver essa experiência de saber não fica, não fica porque é bem diferente. Porque na cidade, na sua casa a água está saindo da torneira, o lixo põe de qualquer jeito, tem uns que separam, tem outros que não, tu põe ali no saco plástico, amarra e joga na lixeira, e não sabe o que vai ser feito daquilo, para onde vai, então não tem ideia, né? E lá não, a gente faz o adubo no bem viver, separa tudo, e o adubo vai servir para as plantas, os alimentos.

Tati: Você se responsabiliza pelo seu lixo, não é? Nem era para ter lixo na verdade.

E3: E outra coisa que é legal no mutirão é que não há um trabalho específico, só meu, só teu, só dela, não, é tudo junto e misturado. Você vai e cuida das crianças, você vai para a cozinha, ajuda a fazer o alimento, você faz uma limpeza de córrego, você faz uma ponte de bambu para poder passar, então é bem interagido mesmo e isso é muito legal, e eles gostam. É como eu falei quando eles querem mesmo, que eles querem viver essa experiência, eles ficam, quando não eles mesmos se afastam, mas é muito bacana.

(...)

É muito o “eu”, eu quero, eu posso, eu tenho, mas ele não está pensando que isso vai prejudicar ele, e não só ele, mas o futuro, os filhos, os netos, ele não pensa nisso. Por exemplo a devastação que está, horrível, isso já está prejudicando na verdade. E a mãe natureza cobra, ela demora, mas ela cobra.

Tati: É como se a terra estivesse viva também.

E3: Sim, na verdade a terra é viva, você vê que tudo que você planta ela nasce...

Flávia: É como a gente, se alimenta, precisa de...

E3: Sim, da água, de tudo. Por exemplo qual é a nossa primeira morada? É a água, a gente cresce numa bolha de água, no útero de nossa mãe. A terra, ela é água, embora tenham os rios, mas uma está ligada com a outra, porque uma sem a outra não tem como a existência, da fauna e da flora né?

#### Entrevista 4

-Aí são algumas perguntas, pode responder livremente. Qual foi a sua atuação no mutirão do Bem Viver? Você participou na Jornada em defesa pela água também?

- A minha, a minha... Eu participei mais do mutirão o Sol nascente. No mutirão do Bem viver, eu fiz uma visita lá quando estava acontecendo e foi bem rápida. Eu participei de umas conversas, mas muito pouca coisa. Foi bem pequena a minha participação, na verdade. No Sol Nascente eu levei equipamento, eu participei do estágio inicial da obra bastante.

- E qual vou a sua motivação para participar do mutirão ?

- Qual sua motivação para participar do movimento, né, já que está se constituindo um movimento?

-Hum, tá. Bom, eu sou permacultor, né. E o Bem Viver é um conceito indígena e a gente trabalha muito com essa questão do resgate do conhecimento ancestral combinado com o conhecimento moderno. Então assim, o conceito do Bem Viver é um conceito que me atrai bastante. Pessoalmente e como permacultor. Então são coisas que estão intimamente relacionadas, é difícil dizer onde começa um e termina outra, para mim. Porque elas se comunicam bastante, né. Então isso que me levou a participar do primeiro e também estive em outro mutirão que teve, uma série de mutirões que teve perto de Planaltina, perto de Planaltina... Esqueci o nome do lugar.

-Canaã?

- Nova Petrópolis, e eu ficava bravo porque os lotes eram de um tamanho e o governo divide em dois para dar para duas famílias, eu acho isso tão absurdo porque fica um lote de tamanho ridículo. Porque a gente quer justamente espaço para trabalhar coisas como o ecosaneamento. Você pega o lote que mal cabe a casa, como vai fazer um negócio desse, né? Então essa foi a motivação, eu me estendi.

-Qual é a sua concepção de Bem Viver? O que são os territórios do Bem Viver?

- Bem a minha concepção de Bem Viver, eu não vou, eu não domino muito o conceito original indígena, mas a minha concepção, acho que não vai ser tão diferente da deles, que é essa concepção de você ter uma conexão com o lugar onde você mora. De você priorizar, para a sua qualidade de vida, aspectos mais ligados a simplicidade ao estar no lugar que você está com a

comunidade a qual você pertence, mais que acúmulo de coisas e consumismo, etc e etc. Então a minha concepção de Bem Viver é você ter uma vida meio “Viva e deixe viver”. Você ter uma vida que impacte o menos possível o mundo, fora de suas fronteiras. Porque quando você é uma pessoa consumista, você pode dizer: “Sou ecológica, estou no meu terreno e tudo é lindo”, mas quando você é consumista, você está deixando um buraco que você não está vendo. Então eu prefiro que o impacto seja onde eu estou e eu saiba qual é e que esse impacto ainda seja revertido para ser positivo. É ter um modo de vida que não agrida outras formas de vida e que tenha um impacto coletivo no local em que você está e na comunidade na qual você se insere.

- Como você observa a vivência do Bem Viver na prática do mutirão?

-Agora que eu lembrei que na outra pergunta o que são os territórios do Bem Viver? Então eu vou responder essa antes e depois respondo a outra. Territórios do Bem Viver são lugares onde as pessoas implementam isso de forma deliberada e de forma, de preferência, coletiva. Então, nesse sentido, esse espaço também é pra ser isso, embora não seja tão coletivo por causa do histórico de ocupação dele. Fala de novo essa sua pergunta agora.

-O como você observa a vivência do Bem Viver na prática do Mutirão?

-Isso, prática de mutirão tem uma coisa que é histórica, é ajuda mútua, né. Que ainda acontece, eu não sei se tem esse nome, no interior do Brasil onde a economia ainda não é muito monetizada. Você vê que isso acontece. E eu acho que essa economia da ajuda mútua, economia do mutirão, inclusive "mutirão" é uma palavra indígena. É, em espanhol é "minga". Então a economia do mutirão, as pessoas se organizarem para fazer coisas juntas ou, por exemplo: "colheita de fulano, todo mundo vai para lá... depois vem pra cá". Tem uma reciprocidade no dar e no receber que é econômico, é troca de tempo. Então eu acho que é uma coisa que a gente perdeu muito, que a gente perdeu porque hoje predomina as trocas monetárias que são trocas impessoais, né. Dinheiro não tem seu homenzinho escrito. E a gente ainda perdeu uma coisa que é essencial para se estar em um mutirão que é tempo. Nós não temos mais tempo. Quem tem tempo? Eu mesmo sou uma pessoa meio escrava do trabalho. Então em territórios do Bem Viver que sigam realmente o "Bem Viver", tempo é uma coisa que a gente deveria voltar a ter. Tendo tempo, você tem tempo de oferecer sua mão de obra para fazer algo para alguma pessoa e receber essa pessoa para fazer algo junto.

- E assim você ganha tempo também, né?!

- Sim, exatamente, mas a gente está nesse momento atual dessa correria desenfreada que é uma loucura, né.

- É que as vezes as lutas são muito individuais também, né.

- Sim

- São, né, nesse mundo capitalista.

- São, acabam sendo. Tem correr atrás da sua sobrevivência, né. Desesperadamente, né. Você tem que pagar "A escola do seu filho" e não tem conversa, algumas escolas até fazem isso né, troca parte da mensalidade por serviços de manutenção, arquitetura etc e etc, mas normalmente não. 1500 reais ou 2000, sei lá.

- Quais foram as práticas de saneamento no mutirão?

- No mutirão do Sol Nascente, eu não acompanhei até o final, mas o que estava previsto era fazer uma bacia de evapotranspiração. Que foi o que começou a ser feito no mutirão de Nova Petrópolis. As casas eram divididas e nos fundos dos lotes, tem um lote aqui, outro lote aqui, o fundo dos lotes eram como se fosse duas valas. É como se fosse, o fundo do quintalzinho fosse uma faixa e seria o sistema de saneamento dessa casa. Aqui dessa casa, aqui dessa casa. Só que o lote é muito pequeno e muitos deles no final meio que abriram mão disso, aí você também tem um conflito muito grande de ter muito pouco espaço, né, é quando você fala de ter um sistema de tratamento no seu terreno, né, que seja biológico etc e etc, você precisa de espaço, precisa fazer com planta, é com planta e precisa de espaço, precisa de céu, precisa de fotossíntese, luz, né. Você tem pouquíssimo espaço, então a pessoa prefere fazer uma fossa, tampar para utilizar em cima. E em um espaço restrito como esse, acaba que como você vai abdicar? Acaba sendo uma necessidade. Mas o que se pensou foi isso, eu acho que algumas coisas chegaram a fazer. Eu não tenho certeza porque também não fiquei até o final ali. No mutirão do Bem Viver, eu vi que eles estavam fazendo uma série de coisas, dei uma série de palpites mas eu fui apenas uma vez, então não sei te dizer quais foram as práticas que foram adotadas.

- Quais seriam as práticas ideias de saneamento para o Bem Viver?

- Seriam essas que você, na minha concepção, seriam essas que são as mais simples, né, e que você mais eficientemente consegue reciclar os nutrientes no local. Trazer benefício para o local. Então qualquer uma que gere biomassa, que você possa reverter para o solo e alimentos no

local, pra mim são elas que estão valendo, né. Então, por exemplo, aqui no sítio, os sistemas de saneamento são muito simples. Assim, a gente tem, não sai nada de esgoto aqui. Então a gente tem para água preta, que a gente praticamente não usa, a gente tem um sistema de bacia de evapotranspiração aqui embaixo. Ela está meio "mirrada" porque a gente praticamente não usa. A gente tem pouca água. A gente usa o sanitário seco que a gente distribui de tempos em tempos, pelo menos uma vez por ano, no mínimo, a gente distribui todo o composto criado por fezes e urina para as árvores aqui de baixo. Eu fiz isso há pouco, mas ainda falta material para retirar. Se quiser, eu posso mostrar como é o material depois para vocês. É, por exemplo, o sistema de água cinza, a gente faz por infiltração com plantas. E plantas tipo, bananeiras, porque a gente está sempre cortando e botando no solo. Bananeira tem essa capacidade. A gente sempre fez isso, agora, no ano passado ou retrasado, a gente começou a fazer um sisteminha para reciclar a água. Que aí já é com filtro, com planta aquática, para ter uma água no final do sistema que a gente possa reutilizar a água. Então nosso objetivo é criar biomassa com plantas aquáticas, botar elas para completar e ainda assim ter um reincidente de água, ao invés de infiltrar no solo como a gente faz com as bananeiras e tudo mais, é por de volta essa água para reutilizar na lavagem de roupa e tudo mais. É um projeto. A gente já está com o sistema funcionando, mas a água ainda não tem qualidade para isso não. Eu posso mostrar para vocês.

- É vocês usam sabão diferente, biodegradável?

- Na verdade, a gente usa o sabão mais simples.

- O de coco? Ou então aqueles de bola que a vó faz?

- Sim, sabão feito assim. Assim, quanto menos aditivo o sabão tiver, melhor. Então, como sabão em pó, a gente usa aquele sabão ralado, ou de coco ralado. Então, basicamente os simples. São sabões que quimicamente são mais desagradáveis, né. Assim, se dependesse de mim e do pessoal da permacultura, essa indústria imensa de produtos de limpeza nem existiria. Porque a gente trabalha com vinagre, bicarbonato, os produtos básicos. Que se degradam muito mais rápido.

- Pra lavar o cabelo?

- É, faz shampoo, faz condicionador. Babosa. Então, na verdade não precisa daquele monte de coisas. Quando você vê a propaganda daquele produto que você coloca ketchup e depois mergulha. Primeiro que é mentira porque é propaganda. Segundo que se for verdade e retirar ketchup ou mancha de vinho, sem nem esfregar, corra desse produto que ele deve ser radioativo,

né. É porque quando você começa a colocar tanta coisa química, tanto composto, para ele ter essa ação limpadora tão forte que certamente a natureza não dá conta de biodegradar. E em geral, por exemplo, o lava louça, você vê na recomendação vem dizendo para você diluir, ninguém dilui. É para diluir, está escrito no rótulo. E ninguém dilui. É muito pouca consciência. Na verdade essa é outra vantagem de trabalhar com ecosaneamento. Quando você trabalha dentro do seu espaço com ecosaneamento e ele está vinculado a produção de biomassa que são necessariamente as plantas que fazem, você tem um controle ali. Se você começa a fazer muita bobagem ali, a planta começa a amarelar, a ficar, você está jogando muita porcaria. Então você tem um elemento de controle. Se você tem um sisteminha que no final tem peixinho vivo, faz bobagem lá, joga água sanitária para ver se esse monte de peixinho não vão morrer. Então você começa a ficar, opa, ligado. É muito legal isso, porque você começa a ver se está fazendo mal para aqueles peixinhos ou plantas, você está fazendo mal para o ambiente como um todo. E se você multiplica isso pela a sociedade como um todo, você vê o mal, a intoxicação, o envenenamento, é geral. Então eu acho que se todo mundo fizer no seu terreno e tomar esse cuidado, é muito mais... Assim, parte de um ponto de partida de menos poluição generalizada, né. É assim que eu vejo.

- E o consumo de carne? Se isso influencia na qualidade da terra, do cocô, do resíduo?

- Bom, a gente praticamente não come carne aqui. Eu sou vegetariano há muitos anos, não sou vegano. Mas a minha alimentação é basicamente vegetariana, às vezes tem um queijo, às vezes tem um peixe. Mas, assim, primeira coisa, se você consome carne e depois vai lavar a louça, você vai precisar de muito mais sabão. Coisa que a gente nota que é um saco quando vem alguém. Porque a gente também não fica nessa coisa: "Há, não pode". Quando vem alguém que faz carne aqui e a gente pede que não faça, mas às vezes faz, ou traz uma coisa e tal, você nota que para lavar você gosta muito mais água e muito mais necessidade de detergentes mais fortes. Nesse sentido, aí você começa a ter que impactar a água em função do consumo de carne pela gordura toda que fica impregnada. Do ponto de vista de voltar pro solo, a carne, não é problema. Se tem um solo que é vivo. Isso é um teste que eu já fiz, se você tem um composto que está bem feito, na época a minha enteada do meu outro casamento, ela ganhou um casal de coelhinhos. E casal de coelhinhos é presente de grego, né. Viram 15 coelhinhos na primeira leva, daí você consegue tratar os 15 coelhinhos e depois vem mais doze e aí, depois, caramba. Você está com aquela enxurrada de coelhinho. E aí, naturalmente, a população explode e eles começam a morrer. Então eu tinha uma compostura e, às vezes, eu colocava um coelho adulto que morreu de doença, abria o composto, colocava lá dentro e não encontrava nenhum ossinho.

O composto fica tão quente, osso de coelho é aquela coisinha, né. Já li na literatura que se você tem aquelas compostagens feitas em grande escalas com trator e tudo mais. Que já se fez experiência de se colocar um cavalo morto e ele consome completamente. Então, assim, na verdade, não é um problema ser ou não poluidor, a questão de escala e concentração. E de onde está colocando. Então, por exemplo, se tem solo vivo, ele é capaz de digerir rapidamente. Por isso que em uma floresta um bicho morre e rapidamente é absorvido. Você sente um cheiro de carniça. Mas quem é daí e tem a função de comer aquilo, vai comer e some. Quando você tem alguma coisa mais seca, com menos vida demora mais. Então, a carne em si não é um problema, o consumo de carne aí é outra história. Mas em relação a água, para limpar, quando você está lidando com carne é mais difícil.

- Como o saneamento pode colaborar com a prática do Bem Viver?

- Colabora porque é recurso. Você se ajuda ajudando a natureza. Porque pra você se livrar de uma coisa (esgoto, lixo) para o recurso que você vai utilizar, você se apropria desse recurso para seu benefício que está alinhado com o benefício do “todo”. Então, por exemplo, quando a gente não pega uma fossa, não pega um sanitário com uma fossa que vai “lá pra baixo”, a gente evita (só usando o sanitário seco como exemplo), a gente deixou de gastar água, a gente tem mais água disponível. Então a gente pode fazer coisas mais nobres (com a água), né, do que levar cocô embora. Segunda coisa, a gente não poluiu, não foi para o lençol freático, ficou aqui. E terceiro, todo o nutriente contido aí, a gente utilizou para nós. Então como eu te falei, quando você vê essas árvores aqui na frente do terreno, aquele bambuzal que está ali e tudo mais, isso tudo recebe parte do adubo das nossas fezes. E tudo isso vai junto. Então, devagarinho está ficando cada vez mais rico esse sistema. Então a gente está melhorando o nosso sistema e, portanto, dando benefício para nós mesmo. Além dos passarinhos e todo mundo que ganha junto.

- E como o Bem Viver pode contribuir para o saneamento?

- O Bem Viver contribui com o saneamento por outro lado, né. Quando você enxerga que na simplicidade, no reuso e na reciclagem das coisas você pode tirar proveito, pensando de proveito sem essa coisa capitalista de explorar e tudo mais, você vê que faz sentido fazer isso. Então, olhando pelo outro lado, faz sentido eu pegar um pedaço do meu espaço e dedicar ele para reciclar os nutrientes, saneamento é isso, é você reciclar nutrientes e reaproveitá-los no local. Porque a lógica do o que é importante e essencial muda. Isso passa a ser valorizado.

## Entrevista 5

-Então a gente participou, eu participei um pouco do mutirão, nós duas participamos um pouco do mutirão do bem viver e eu participei do da Jornada pela Água, né. A gente queria saber qual foi a sua atuação no Mutirão do Bem Viver, que foi o do Recanto dos Encantados, e na jornada em defesa pela água? E qual foi a sua motivação para participar dois?

-Bom, a minha atuação normalmente nesses mutirões ou nessas atividades que a gente tem, eu sou normalmente estrutura e Finanças né então no caso do mutirão do Bem Viver a gente teve várias reuniões prévias né e eu sempre era a pessoa que tava disposta a lidar com Finanças porque não é uma coisa que as pessoas estão a fim de lidar. Assim, apesar de a gente querer transformar o mundo a gente não quer lidar com dinheiro e o que que isso né tá tá ligado. Então tanto no Mutirão quanto na jornada de ver eu que fiz toda a gestão do custo de compra de material de... Por exemplo, na jornada na jornada no Mutirão do Bem Viver comprar material fazer com que o pessoal esteja com todos os equipamentos lá ferramentas a gente fez alguns levantamento de materiais que a gente precisava então sempre atrás faltava gás eu ia comprar então é mais essas de logística e infraestrutura que também tá ligada com recurso porque lá no Mutirão do Bem Viver a gente teve a vaquinha né, então quem coordenava, coordenava não né, mas geria essa conta da vaquinha era eu, quem fez a prestação de contas fui eu também apesar de algumas tarefas pontuais assim tiveram ajuda mas infelizmente Essa não é tarefa que o pessoal gosta de pegar normalmente nesses rolês. Eu sempre tô fazendo essa tarefa. Então, nos dois era isso então comprar material fazer toda a função garantir que a gente estava comprando material mais barato né porque você faz toda uma arrecadação de recursos você não vai comprar as coisas mais caras né fazer todas a função gerencial dinheiro porque tem várias demandas né então você tem aquela que você tem que olha a gente precisa fazer sei lá comprar chuveiro e comprar Tonel para poder colocar os resíduos sólidos o que que é né enfim como que a gente vai ver isso que que é mais importante a gente sempre discutir mas na hora de ir lá executar era eu mesmo.

-E aí qual foi a sua motivação pra participar?

-A motivação? Olha eu eu acredito que essas construções coletivas com as quais a gente identifica um problema constrói uma solução coletivamente é a melhor forma que você tem de realmente enfrentar algum problema que aí as pessoas que estão enfrentando o problema bom trazer a solução e vão construir coletivamente essa solução de uma forma que elas se sentem pertencidas naquilo né então eu acho que o que mais me motiva nessas nesse tipo de ação é justamente fazer com que todo mundo se sinta inserida no processo e principalmente enfim né no caso da jornada do Bem... da água, é mais mostrar para todo mundo aquilo que tá acontecendo né as outras realidades sair um pouquinho da bolha e lá no Recanto dos encontrados era uma luta a luta indígena é uma luta de todos nós né então a gente não identificar essa semelhança todo mundo sai perdendo né então eu realmente para mim era mais a satisfação de está construindo alguma coisa naquilo que eu acredito naquilo que eu acho que enfim vai trazer o bem para todo mundo

-E qual é a sua concepção de Bem Viver? e o que são os territórios do Bem Viver?

-A minha concepção de Bem viver é um mundo onde a gente está livre das opressões, onde as opressões, todas elas né. contra mulher, contra os negros, contra os indígenas contra os animais, contra o meio ambiente principalmente. Então para mim o Bem Viver é um, é um, é um estado né, não sei dizer se é um estado, mas é uma situação na qual todo mundo se sente pertencido, né, no local, construindo alguma coisa coletivamente que vai trazer o Bem para aquele território para aquelas pessoas que território e para todos nós né que é isso a gente quer transformar o mundo a gente tentar feliz no meio do caminho então para mim um Bem Viver essa junção de todos os seres em construir um mundo no qual tá todo mundo livre de opressão todo mundo tranquilo e o nosso meio ambiente está preservado para as próximas gerações. Parece utópico, né, mas é lindo.

-Como você observa a vivência do Bem Viver na prática do mutirão e da jornada?

-No caso do mutirão Eu acho que o principal é que é um território que está inserido no meio urbano não é um território indígena que está inserido no meio urbano você tem ali no meio um córrego passando que é um córrego que é o ribeirão Sobradinho que é extremamente poluído então quando a gente estava lá na mutirão, feisse toda uma gestão dos resíduos sólidos, fizemos a separação da água cinza, existia os banheiros secos justamente para mostrar que existe outra outra forma de agir né quando a gente chegou no território lá no Recanto dos Encantados tinha um banheiro que era uma fossa Negra e tava numa distância, tudo bem, não era próximo do Córrego, mas não é uma distância saudável vamos dizer assim então a ideia de fazer os

banheiros secos, essa separação da água cinza para você poder fazer com que ela seja tratada ali mesmo, então para mim é essa inserção é você trazer elementos de saneamento sustentável, de você mostrar que existe uma forma de você habitar aquele ambiente sem destruí-lo, né, ou pelo menos tentando reduzir o seu Impacto nele e para mim o mutirão do Bem Viver lá foi isso é mostrar outra forma de viver naquele território mostrar outra forma de interagir com o meio ambiente e principalmente com as outras pessoas né e na jornada do Bem Viver é na jornada jornada pelas águas Desculpa é que a primeira vez foi na época do Fama foi Jornada Contra violações de alguma coisa aí eu me confundo para mim foi mais mostrar porque isso nós saiu tirou o pessoal do seu dia a dia né para ir lá conhecer 3 territórios que são territórios de resistência né que sofreram violações e que são resistências E aí a gente levou o pessoal para interagir Então dentro do Santuário dos pajés pessoal que estava fazendo essa visita e lá conheceu meio de vida conheci a forma como aqueles indígenas estão inseridos no território como o território é faz parte deles e eles fazem parte do território. Para mostrar que aquilo ali que existe não é muita gente fica vendo na televisão ou, enfim, até muitas vezes não viu o que foi a violação dos direitos deles ali do Santuário né que enfim eles hoje em dia estão super reduzidos a sua área então aquela... aquele momento ali foi muito importante para conhecer as várias lutas e deu tempo da gente tanto nos kariri-xocó ontem no santuário dos pajés mesmo porque quando a gente fala Santuário dos pajés a gente acha que é uma coisa só né só que um tempo que a gente vai entendendo que são várias etnias que estão ali naquele território e que assim como é difícil para nós, homens brancos né, fazemos algum tipo de articulação para lutar para alguma coisa eles também têm esse tipo de dificuldade e muitas vezes Eles não conseguem ter articulação ou a união necessária para alcançar alguma coisa né. Então a gente conseguiu ver esses dois espaços que foi o Santuário e o território dos Kariri-Xokó que estão dentro da mesma reserva mas são espaços diferentes com vivências diferentes, né. Lá em Planaltina que, enfim, é a violação das pessoas que não têm direito a sua moradia, né, a resistência que eles fizeram, o trabalho no mutirão de bioconstrução que aconteceu no ano passado com eles lá, a gente queria principalmente mostrar o potencial do mutirão, como é que foi a construção lá, que teve muita participação dos próprios dos sem-teto né que foram contemplados depois com os lotes. Enfim, então a gente queria mostrar essa atuação, mostrar a resistência deles, mostrar o que que ele já tinha alcançado, né, porque quando a gente foi lá, eles já tinham muitas casas construídas. As 59 famílias já tinham recebido seus lotes, então assim, é. Assim a gente mostrou a os frutos da resistência, né. Tanto no santuário e nos kariri-xocó, quanto lá no Planaltina com o MTST, né, com a ocupação Maria da Penha resiste que é o nome deles lá. E depois a gente

foi em Brazlândia que foi uma experiência riquíssima, né, para mostrar também a luta dos Sem Terra por uma reforma agrária justa, de uma forma como: hoje em dia ele já conquistaram os seus... os seus terrenos e hoje em dia já estão produzindo com agroecologia. Então, eu acho que é assim, a jornada pelas águas foi um exemplo né, o exemplo da resistência. Onde a gente consegue alcançar o que que a gente consegue alcançar com resistência e a importância da luta, né. Então, para mim o Bem Viver nesses dois espaços foi mostrar a importância da resistência e o quanto é importante continuar lutando.

-Legal! Quais são as práticas de saneamento no mutirão e na jornada?

-No Mutirão a gente teve o banheiro seco, aí infelizmente o xixi era onde você achar melhor, só que a gente ainda tinha, assim, tinha um banheiro com sanitário normal, só quero uma fossa negra. Então é lógico que algumas mulheres que estavam aqueles seus dias elas foram ali naquele banheiro mesmo e paciência, né. Mas também, assim, a grande maioria das pessoas estavam orientadas a fazer xixi onde se achar confortável. E o para o número dois era o banheiro seco, né, porque o banheiro seco realmente é só para fezes. E o que eu achei mais legal foi a atuação do pessoal dos Resíduos Sólidos, não mais legal mas achei muito interessante o que eles fizeram as baias de resíduos para poder separar o reciclado, para poder sem parar que era compostável para poder ser levado né. Porque teve atuação de dois rapazes que estão iniciando uma empresa de compostagem então eles fizeram toda essa mobilização, a gente fez a baias e pintou tudo bonitinho de uma forma que ficasse separado, fez um treinamento para o pessoal que tava no Mutirão: “Olha, quando você for descartar isso, descarta ai e tal”. Então para esse tipo de área, né, que, enfim, é uma área do território indígena inserido no território urbano, mas que não tem muita né, por exemplo, você não tem um container de lixo na frente do santuário do Recanto dos Encantados, então onde é que esse pessoal tá jogando o lixo? Ele tem que levar o lixo dele em algum lugar, né. Então eu acho que isso é muito importante porque de todas as áreas do saneamento eu acho que a que é mais esquecida é sempre os resíduos sólidos. A gente esquece, a gente acha que o lixo.. você jogou na lata de lixo, ele desaparece. Não essa a verdade, então eu acho que dentro da... do mutirão foram essas as... as situações, né, de saneamento sustentável, enfim. É, teve, assim, a gente tinha lá os chuveiros, eram de uma forma bem mais rudimentar só que aí o abastecimento de água de uma maneira geral lá, a gente conseguiu fazer a ligação da Caesb. A gente, no fim, a gente tinha a ligação de água, né. E a água para beber, a gente, durante muito tempo a gente comprou o galão e depois a gente: “Vamos beber essa água mesmo da Caesb, vamos nessa!” e deu tudo certo, né. Porque, no fim, teve outra questão que a gente conseguiu, como um mutirão muito bem organizado, a gente solicitou para Caesb aqueles,

é, é um... é como se fosse caixinha da água, né, sei lá... 200 litros, que eles trocam. Eles, eles têm esse... essa situação disponível para eventos públicos. E como era o território indígena, território público a gente mostrou, né, enfim, os nossos objetivos, o período que ficar lá, eles disponibilizaram essa caixinha da água, né. É pequenininha, é uma torrezinha com uma caixa d'água e algumas mangueirinhas. Só que aí tem que ficar enchendo, né. então tem que ficar ligando e aí o pessoal vai, mas até que eles cumprem com isso. Na jornada do Bem Viver... na jornada, desculpa gente, estou errando toda hora, na jornada pelas águas teve uma falha que, é isso, a gente pediu para o pessoal levar água mas foi um dia muito longo e a gente não se preparou para tá com água para todo mundo. Então isso foi realmente uma falha é o cada lugar que a gente o pessoal tava bebendo mas no meio do caminho, enfim, durante o ônibus... Pois realmente faltou, a gente, aí, por exemplo, no Santuário dos pajés existiu uma situação do pessoal usar o banheiro de lá, lá no santuário, no santuário não, nos kariri-xocó eles tem banheiro seco também, né. Lá no... em Planaltina, né, no MTST gente usou o banheiro de alguma das casas. Lá, dentro do mutirão de bioconstrução que a gente fez, o objetivo era usar bacia de evapotranspiração. Só que eles receberam o lote da codhab com as duas fossas, né. Então a gente não conseguiu realmente desvincular, né de falar: “Não, não usa essa força não, vamos fazer aqui uma bacia de evapotranspiração” que não é um negócio assim super fácil de fazer, demanda material por mais que seja entulho, pneu, enfim, demanda material e eles estavam com a fossa séptica ali, né. Então eu acho que das casas, só uma realmente fez a bacia. Que é a que a gente foi visitar, inclusive, que era mais característica de bioconstrução assim. E aí lá eu lembro que isso foi uma tarefa bem complicada, quem precisava no banheiro enquanto a gente estava lá, eu ia arranjanado uma casa de alguém do sem teto para o pessoal poder usar. E lá em Brazlândia também.. tem... como a gente foi visitar uma lote, né, das Comunidades agroecológicas, a gente usou o banheiro que tinha lá mas, por exemplo, o lixo que a gente produziu foi só coletado e o cara do busão levou, entendeu? Não foi, assim, o saneamento em si durante a jornada não foi, isso é até uma falha, enfim, mas não foi pensado, assim. Eu acho que o que foi mais, o que foi ruim mesmo foi a falta de água para o pessoal beber durante o dia inteiro, né. Assim que era: “Leva sua garrafinha e depois você vai ter outras oportunidades para encher”, mas no meio tempo faltou.

-Quais seriam as práticas e ideias de saneamento para o Bem Viver ?

-As práticas ideais? Bom, então eu acho que o ideal seria de uma forma que a gente gerisse isso no território. Eu, aí sou mais eu mesmo, eu acho que a forma como a infraestrutura é feita de, enfim, centralizadora, né?! Você tem um ponto para fazer o tratamento, você tem que trazer

o tratamento o esgoto de lonjão para poder tratar, isso para mim não entra na minha cabeça como uma forma inteligente de se lidar com problema, né. Então eu acho que para o Bem Viver, o tratamento local. Então seria uma bacia de evapotranspiração na dimensão da família, entendeu? Banheiros secos, uma gestão dos resíduos sólidos de uma forma que você tem a compostagem. O reciclável que você destine para cooperativas de catadores e lixo, enfim, aquilo que você não acha que possa ser reaproveitado, né, tanto orgânico ou reciclável, você arranjar outra utilização, né, enfim, ou doar alguma coisa que às vezes você tem né, móveis. Essas coisas que às vezes as pessoas jogam lixo inclusive, né. Em Brasília a gente não tem muito esse histórico porque a gente não tem rio, mas em São Paulo tem problema seríssimo com isso de achar geladeira dentro do rio Tietê. Sofá, entendeu? Então eu acho que o saneamento para o bem viver, ele tem que ser uma coisa tratada no território e em conjunto, de uma forma que todos os moradores estejam participando inseridos e saibam a sua responsabilidade, né, que é isso não adianta nada “Vamos separar o lixo” se vai lá e todo mundo joga no mesmo saquinho e depois joga o caminhão que vai passar e levar meu lixo. Não, eu acho que sempre tem que fazer essa avaliação de como que a gente pode melhorar na utilização dos recursos naturais e essa forma é, o saneamento, em nível local, ele gasta muito menos energia, né, porque se você for, vamos dizer assim, a água potável é um pouco mais complicado, mas aí “eu quero lavar a frente da minha casa”. Poxa, faça uma captação da água da chuva use essa água para poder utilizar em áreas comuns, né, ou até mesmo reutilização da água da chuva para descarga. Infelizmente isso no Brasil não é permitido, vamos dizer assim, mas tem tantas coisas que não são permitidas que a gente faz, né. Então eu acho que tem algumas coisas que a gente pode realmente implementar para manter, para ter saneamento mais local, né, e mais inserida com a participação daquelas pessoas que estão morando naquele território. Eu tô falando demais né gente?

-E como o saneamento pode colaborar na prática do Bem Viver ?

-Olha eu acho que o principal é exatamente, é criar essa essa essa ideia de pertencimento das pessoas, né, e tem a questão de educação crítica que é assim, o brasileiro assim, o ser humano de uma maneira geral, a gente hoje em dia tá acostumado a receber aquela educação acadêmica, chega lá, vai na escola e aprendi o beabá e tal, mas a gente não tem a educação da autogestão, né. Que a educação do: “Poxa se eu não tiver, sei lá, vou dar um exemplo bem esdrúxulo, se eu não tiver água para dar descarga na privada como é que eu vou lidar com isso?” né. Então, assim tem alguns que não sabem, não vão saber, ou até assim, “faltou água eu tô com muita falta d'água mas tá chovendo e não capta água da chuva”. Sim, óbvio que não tô dizendo para

you pegar essa água da chuva e you cozinhar ao tomar banho com isso porque realmente a gente tem alguns limites, né. Mas poxa, para dar uma carga, para limpar o chão, para reutilizar a água do... da máquina de lavar. Então assim, eu acho que essa educação crítica que falta para que a gente tenha a autogestão daquilo que a gente usa né. Então assim, como prática foi bem viver é you entender o seu impacto, impacto como ser humano, naquele ambiente e tentar reduzir isso. É tentar, vai ser ridículo isso, é tentar diminuir a opressão da existência humana no meio ambiente porque é uma forma de opressão né. A gente tá oprimindo habitat com a nossa forma de viver que é jogar o esgoto, sei lá, às vezes no rio, no córrego. Jogar lixo no chão e eu acho que como prática do Bem Viver, o saneamento, o autocuidado, o cuidado pelo que you gera e o seu impacto no meio ambiente é o principal assim.

-E como ele pode contribuir para o saneamento?

-Eu acho que o principal, assim, do Bem Viver poder... no saneamento é trazer essas, essa percepção, né. Porque a gente não tá acostumado a olhar a nossa forma de vida e pensar: “não eu tô empatando e tudo mais”, então eu acho que bem viver, ele traz esse olhar do, como que eu vou dizer, de que a gente não deve oprimir, de que a gente deve coabitar de uma forma a não degradar, que a gente deve respeitar todos os seres sejam eles animais, enfim. Então, só disso, you aprende que ou you entende que é importante para o saneamento a gente não deixar que a nossa falta de saneamento impacte no... né. Então assim, é porque a pergunta ao contrário. É basicamente como you está impactando nisso né, no saneamento, e como you pode evitar esse impacto, né. Tentar reduzir as opressões ou tentar reduzir o seu impacto de uma maneira geral.

